

## CAPÍTULO I

### O DESAFIO DA REVOLUÇÃO DE 1930

A fase “pré-integralista” inicia quando Plínio Salgado incorpora à ação política os temas nacionalistas vinculados à sua experiência modernista. Esta fase se caracteriza pelo processo de maturação de uma nova doutrina política, após o rompimento com o Partido Republicano Paulista. Os contornos definitivos da ideologia em elaboração se definem durante sua viagem ao Oriente e à Europa, de abril a outubro de 1930. Desiludido com o partido ao qual pertencia, Salgado medita sobre a política brasileira à luz da experiência européia da época. Neste período, a idéia fascista se insinua de forma explícita em seu espírito.

Esta fase é decisiva para a compreensão do itinerário político de Salgado e da formação do movimento integralista. Novos temas se integram à sua visão política. Ainda na Europa, conclui o romance *O Esperado* e esboça um manifesto político que, não podendo ser utilizado para o lançamento do movimento integralista, servirá, mais tarde, de base ideológica para a Legião Revolucionária de São Paulo. Ao retornar ao Brasil, por ocasião da eclosão da Revolução de 1930, não considera oportuno fundar o integralismo e dedica-se ao jornalismo político. Torna-se o redator principal do jornal paulista *A Razão*, onde começa a preparar terreno para uma ação ideológica mais ampla. Redigindo uma “nota política” diária, procura ativar a consciência dos meios políticos e intelectuais, o que conduzirá um grupo a fundar, sob sua inspiração, em 1932, a Sociedade de Estudos Políticos (S. E. P.), antecâmara do Integralismo.

Quando Salgado parte em viagem para o exterior, em 26 de abril de 1930, considera-se afetivamente desligado do P. R. P. e “sua desilusão dos homens e da política o faz um revoltado” (1). Sua participação na renovação do Partido Republicano fracassara: “O período que vai de 1927 a 1930 revelou-me a impossibilidade de fazer algo de novo dentro dos velhos quadros partidários e sociais do país” (2). Este fato leva-o a agir no sentido de transformar a “consciência das massas brasileiras”. Indagado por seus amigos Menotti del Picchia e Mário Graciotti sobre seu estado de espírito, por ocasião de sua partida ao exterior, ele responde sem modéstia: “Voltarei para fazer a nossa revolução” (3).

A idéia dessa “revolução”, embora não tenha surgido durante a viagem, desenvolve-se no contato com os países que visita, como o demonstram os testemunhos e cartas da época. Ele próprio confessa o efeito que lhe causa a “renovação política da Turquia”, o “fascismo da Itália”, a “leitura de uma ampla literatura comunista que circulava em Paris”, o “estudo da social democracia da Alemanha”, a “anarquia dos espíritos na Espanha”, a “nova ordem de Portugal” e as reflexões sobre o “imperialismo inglês no Egito” (4). Todo esse conjunto de experiências serve para lhe confirmar “a morte de uma civilização e o advento de uma nova etapa humana” (5).

O fato marcante dessa viagem, porém, diz respeito à influência que sobre ele passa a exercer o fascismo italiano. Embora seja prematuro tirar conclusões sobre as relações ideológicas entre integralismo e fascismo italiano, a leitura de alguns documentos divulgados pelos próprios integralistas é bastante reveladora dessa influência.

Em 4 de julho de 1930, Salgado escreve a um de seus amigos de São Bento de Sapucaí: “Estou hoje convencido de que o Brasil não pode continuar a viver na comédia democrática. Aí, eu já era um descrente em relação ao sufrágio. A eleição, que juntos fizemos, inspirou-me uma profunda repulsa pelo regime (...).

(1) CALLAGE (Fernando), “Alguns aspectos de Plínio Salgado”, in obra coletiva, *Plínio Salgado, op. cit.*, p. 167.

(2) SALGADO (Plínio), *Despertemos a Nação, op. cit.*, p. 15.

(3) *Ibid.*, p. 32.

(4) *Ibid.*, p. 16.

(5) Obra coletiva, *Plínio Salgado, op. cit.*, p. 19.

De há tempos que me impressiona o enfraquecimento do poder central (...), o espírito de regionalismo que se acentua dia a dia e que nos leva a caminho do separatismo; a questão social, que nos arrastará, de um momento para outro, ao bolchevismo (...). O Império legou à República um país unido, homogêneo (...), a República, com mais vinte ou trinta anos, terá completado a sua obra de dissociação” (6).

Após o diagnóstico da situação brasileira, onde se conjugam o antiliberalismo, o anticomunismo e o nacionalismo, Salgado sugere “algumas soluções aos problemas nacionais”. “É necessário agirmos com tempo de salvarmos o Brasil. Tenho estudado muito o fascismo; não é exatamente esse regime que precisamos aí, mas é coisa semelhante. O fascismo, aqui, veio no momento preciso, deslocando o centro de gravidade política, que passou da metafísica jurídica às instituições das realidades imperativas (...). O fascismo não é propriamente uma ditadura (como está sendo o governo da Rússia enquanto não chega à prática pura do Estado Marxista), e sim um regime. Penso que o Ministério das Corporações é a máquina mais preciosa. O trabalho é perfeitamente organizado. O capital é admiravelmente bem controlado (...). Volto para o Brasil disposto a organizar as forças intelectuais esparsas, coordená-las, dando-lhes uma direção, iniciando um apostolado” (7).

Plínio conhece a experiência fascista italiana e, em uma das cartas, relata sua entrevista com o *Duce*: “Contando eu a Mussolini o que tenho feito, ele achou admirável o meu processo, dada a situação diferente de nosso país. Também como eu, ele pensa que, antes da organização de um partido, é necessário um movimento de idéias.” E conclui a carta enfatizando a necessidade de um nacionalismo agressivo: “Refleti sobre a necessidade que temos de dar ao povo brasileiro um ideal que o conduza a uma finalidade histórica. Essa finalidade, capaz de levantar o povo, é o Nacionalismo impondo ordem e disciplina no interior, impondo a nossa hegemonia na América do Sul” (8).

Quatro dias mais tarde, em nova carta enviada de Veneza, após haver assistido a três exposições bienais que “honram a Itália e, principalmente, o governo fascista”, retorna ao projeto

(6) *Ibid.*

(7) *Ibid.*, pp. 19 e 20.

(8) *Ibid.*, p. 21. Plínio também manifesta sua admiração pelo fascismo no artigo, “Como eu vi a Itália”, publicado em março/abril 1932 na revista *Hierarchia*. Vide referência p. 108, nota 14.

de formar um movimento de idéias: “da Itália, sai com o programa de ação. Esse fogo sagrado, não se apagará nesta maravilhosa França dissolvidora do caráter estrangeiro. Levá-lo-ei ao Brasil. Volto cheio de entusiasmo para trabalhar pela nossa Pátria” (9).

Contudo, seu projeto de formação de um novo movimento não pode ser imediatamente realizado porque, quando chega ao Brasil, em outubro de 1930, havia eclodido a Revolução, não sendo o melhor momento para fundar um novo movimento político. Seu primeiro impulso é o de condenar a revolução: “Saltando em terra, tratei logo de combatê-la. Era a revolução que defendia um fantasma, a liberal-democracia, concretizada na Constituição de 1891” (10). Noutro artigo que escreve para *O Correio Paulistano*, em 7 de outubro, reafirma seu pensamento: “O Brasil tem um grande destino a cumprir (...). Mas o Brasil só realizará esse destino se souber integrar-se no instante universal (...). O ciclo da evolução humana se caracterizou pela experiência das fórmulas de um idealismo político cujos últimos lampejos se extinguíram definitivamente com a Grande Guerra”. E conclui que o movimento de 1930 é “uma revolução em nome de um defunto. Em nome desse liberalismo que já não constitui nem objeto de discussão em qualquer país do mundo” (11).

Entretanto, a atitude de Salgado com relação à Revolução altera-se rapidamente. Inicialmente reconhece o fato de que ela prestou ao menos um serviço: “Poupou-nos o trabalho de derrubar uma velha fachada que escondia os dramas sociais do

(9) CALLAGE (Fernando), “Alguns aspectos da vida de Plínio Salgado”, in obra coletiva, *Plínio Salgado, op. cit.*, pp. 173 e 174. O programa a que se refere Salgado, esboçado em Paris, será ulteriormente adaptado e transformado no manifesto da Legião Revolucionária de São Paulo. Salgado justifica a utilização do manifesto pela Legião com base na pretensão de evitar que “meia dúzia de comunistas e aventureiros, orientados pelo Congresso de Buenos Aires, realizado em 1930, absorvessem as forças revolucionárias do país”. SALGADO (Plínio), *Despertemos a Nação, op. cit.*, p. 18.

(10) *Ibid.*, p. 17. Segundo um testemunho, ele trouxe consigo, em sua bagagem, uma biografia de Mussolini: *El Duce* de Marguerita SARFATTI.

(11) SALGADO (Plínio) in *Correio Paulistano*, 7 de outubro de 1930. Após sua chegada ao Brasil e ainda solidário com Júlio Prestes, escreve a um amigo: “Estou com Júlio, por um dever de dignidade; motivos de coerência doutrinária; pela ordem, pelo Brasil conservador, pelo respeito à autoridade; motivos particulares, minha estima a ele.” Carta a Augusto Frederico Schmidt, em 14 de outubro de 1930.

país” (12). Mais tarde, considera que ela desvincula-se de sua base liberal e termina reconhecendo que “o mérito da revolução de 1930 é o de haver ofertado um leito onde afluem e correm as angústias confusas do complexo nacional”. Com a evolução da atitude de Salgado face a Revolução de 1930, compreende-se sua ligação temporária com a Legião Revolucionária e, sobretudo, o significado político de sua atividade de editorialista em *A Razão* (13).

Salgado se desilude rapidamente da Legião. O “Manifesto Legionário” de março de 1931 não encontra entre os revolucionários de São Paulo o apoio desejado. Tenta, ainda, com um grupo de intelectuais do Rio (dentre os quais muitos participarão mais tarde da Ação Integralista), “formar uma corrente para defender os ideais do manifesto. Procura também um líder revolucionário que tivesse capacidade para os chefiar” (14). A tentativa de organização do movimento fracassa porque, como dizia Salgado com ironia, “o Chefe não foi encontrado...” (15). Percebe-se que ele hesita ainda, neste momento, em se impor como tal, sentindo-se mais à vontade na condição de ideólogo. Após mais esse fracasso, se consagra à redação do romance *O Cavaleiro de Itararé*, concluído entre a Revolução Paulista desencadeada em julho de 1932 e a publicação do Manifesto Integralista de outubro.

## 2 — O JORNALISMO POLÍTICO

Após o entusiasmo dos primeiros tempos que se sucederam à vitória da Revolução de 1930, a situação política começa a se tornar ambígua pela ausência de uma definição ideológica por parte do Governo Provisório (16). Tal situação provoca um vazio

(12) SALGADO (Plínio), *Despertemos a Nação, op. cit.*, p. 17.

(13) Apesar de suas relações com as forças derrubadas pela Revolução de 1930, Salgado não é visado pelo interventor de São Paulo, João Alberto, que considera suas idéias antiliberais compatíveis com o espírito da revolução.

(14) SALGADO (Plínio), *Despertemos a Nação, op. cit.*, p. 18.

(15) *Ibid.* O grupo de estudantes e intelectuais do Rio era formado por Madeira de Freitas, Raimundo Padilha, Santiago Dantas, Hélio Viana, Antonio Gallotti, Américo Lacombe, Lourival Fontes, Augusto Frederico Schmidt, Antonio Giudice, Gilson Amado e Chermond de Miranda.

(16) A ação governamental limita-se nesse período à moralização da administração pública e à elaboração das medidas em favor dos trabalhadores para satisfazer suas reivindicações.

político, conduzindo os grupos políticos e ideológicos a se organizarem a fim de influenciar o novo governo.

O período que vai até a Revolução Constitucionalista de São Paulo, em julho de 1932, está polarizado por essa contradição política. Os grupos que representam a burguesia e a pequena burguesia urbana se dividem em torno da questão relativa à oportunidade da convocação da Assembléia Constituinte. Estas tendências organizam-se face à concentração de poder do Governo Provisório que se atribui por decreto, em novembro de 1930, os poderes executivos e legislativo até que uma Assembléia Constituinte eleita estabelecesse a nova organização constitucional do país.

Parte da opinião pública, tendo São Paulo como líder e com o apoio de grupos revolucionários da oposição do Rio Grande do Sul e de Minas, reclama a convocação imediata da Assembléia Constituinte, em nome dos ideais liberais. Outra parte, de tendência antiliberal, liderada pelas correntes dominantes do "tenentismo", do Clube 3 de Outubro, defende a continuidade do Governo Provisório (17). A posição de Salgado, manifestada diariamente em uma "nota política" no jornal *A Razão*, de São Paulo, é a de um franco-atirador apoiando as teses do segundo grupo. Vargas utiliza-se maquiavelmente, no interesse de sua própria política, das condições criadas pelas duas tendências, encorajando os grupos a impor suas exigências. Seu interesse em manter os plenos poderes, apesar da Revolução Constitucionalista, retardará a convocação das eleições até maio de 1933.

A atividade jornalística de Salgado se orienta em função de uma tomada de consciência da apatia ideológica do governo revolucionário decorrente de suas contradições internas. O compromisso dos revolucionários terminou com a conquista do poder. E, do bojo do movimento, surgiram as mais variadas expressões fruto dos desencontros ideológicos e dos conflitos entre os grupos heterogêneos" (18).

(17) "E como a maioria estava, decerto, com a burguesia, congregando proprietários rurais, donos de fábricas, elementos doutrinados pelo clero católico e até mesmo a pequena burguesia urbana, orientada pelas grandes empresas jornalísticas, o que restava ao tenentismo era defender a prorrogação do regime discricionário, dentro do qual podia influir muito mais do que em qualquer assembléia política, indicada pelo eleitorado nacional." LIMA SOBRINHO (Barbosa), *Presença de Alberto Torres*, op. cit., p. 497.

(18) SALGADO (Plínio), "Integralismo na Vida Brasileira", in *Enciclopédia do Integralismo*, Rio, Livraria Clássica Brasileira, 1958, pp. 12 e 13.

A análise de Salgado é confirmada pelo testemunho de um dos antigos militantes da A. I. B., que tenta interpretar, na perspectiva do movimento, o papel do integralismo face à revolução de outubro: "A Revolução de 30, depois da vitória, verificou que não podia ser uma revolução liberal (...). O programa liberal de 29 era puramente para efeitos eleitorais (...). A Revolução de 30, não podendo ser liberal, se encontra no dilema: ou o socialismo ou o nacionalismo social moderno que ainda não tinha o nome de integralismo. Quem ofereceu a orientação, portanto, à vanguarda revolucionária da época foi Plínio Salgado através do manifesto da Legião Revolucionária em São Paulo, em 1931 (...). Este manifesto é a base do Manifesto Integralista de 1932" (19).

No contexto desse marasmo político, Salgado constata a presença de novos grupos ideológicos fazendo pressão sobre o sistema político: "um elemento novo entrava na política brasileira: o comunismo internacional. Essa corrente ideológica tivera ingresso no país depois da implantação do Bolchevismo na Rússia (...), mas sua presença no Brasil começa a fazer-se sentir mais fortemente pelas alturas de 1926, quando agentes de Moscou principiam a conquista das classes intelectuais (...). No decorrer de 1931, o partido comunista achava-se em franca atividade da propaganda comunista, utilizando-se da infiltração de seus elementos na imprensa e nas associações fundadas com o intuito de dar à Revolução de 30 um caráter de continuidade no tocante a reformas julgadas imprescindíveis" (20). Menciona, ao mesmo tempo, o surgimento de grupos ideológicos de extrema-direita: "Simultaneamente, novos grupos anteriormente conhecidos, como os "Patronovistas" em São Paulo, a "Legião Cearense do Trabalho", em Fortaleza (...), entravam em atividade" (21).

Nesta fase pós-revolucionária, Salgado, numa carta endereçada em fevereiro de 1931 a seu amigo, o poeta Augusto Frederico Schmidt, refere-se com entusiasmo à sua intenção de criar um jornal: "Esse jornal terá um caráter de nacionalismo radical,

(19) Entrevista com Ângelo Simões Arruda, S. P., maio de 1969.

(20) SALGADO (Plínio), "O Integralismo na Vida Brasileira", op. cit., p. 13. As associações a que Salgado se refere são: o Clube 3 de Outubro, a Legião 5 de Julho, e a Legião Revolucionária de São Paulo.

(21) *Ibid.*, p. 14. Esses movimentos antiliberais, independentes das forças revolucionárias de 1930, são diferentes das Legiões Revolucionárias fundadas em São Paulo e Minas ainda que essa última tenha adotado a camisa cáqui de inspiração nazista.

É o que, no momento, se pode fazer. Como você sabe, eu preciso de um ponto de apoio. Nesse instante, eu me sinto imensamente desamparado de elementos materiais para qualquer ação prática. Esse jornal será o primeiro impulso. O centro de coordenação dos lugares comuns do pensamento conservador (e quando digo conservador, é por me faltar uma palavra com que designe nosso movimento, que, positivamente, é também revolucionário, pois conservar o que temos tido, desde 1889, será cair nos mesmos erros da mentalidade liberal-democrática"). Plínio considera ainda prematura a escolha de um chefe para o movimento. "Não nos preocupemos, no momento, com o chefe. Este deve surgir do movimento e não para o movimento. Ele surgirá no meio da nossa batalha, por uma fatalidade de centralização de confiança e de esperanças. Será um ponto de intersecção. Nós todos vamos dirigir esta campanha, seremos simples soldados. Nosso comando é o nosso ideal comum" (22).

Em meados de 1931, o jornal *A Razão* é fundado, constituindo-se num passo decisivo para a formação da Ação Integralista (23). Sua orientação política é confiada a Plínio Salgado e Santiago Dantas. A partir de julho de 1931 Salgado redige uma "nota política" diária, onde fixa as bases políticas de sua ação futura. Um ano mais tarde, a 23 de maio de 1932, a sede do jornal é incendiada pelos adeptos da Revolução paulista. Entretanto, o objetivo de Plínio Salgado é atingido pela publicação de mais de 300 artigos, fixando as bases ideológicas do integra-

(22) SALGADO (Plínio), Carta enviada a Augusto Frederico Schmidt em 18 de fevereiro de 1931, in *Plínio Salgado*, obra coletiva, São Paulo, Edição Revista Panorama, 1936, pp. 31 e 34.

(23) É fundado por Alfredo Egydio de Souza Aranha, advogado e banqueiro em São Paulo, amigo e admirador de Salgado que já havia financiado sua viagem à Europa, em 1930, como preceptor de seu filho. Admira de tal forma Salgado que não hesita em afirmar numa entrevista com o Ministro da Justiça do Governo Revolucionário, Oswaldo Aranha: "Este homem é que pode ser o doutrinário da revolução", SILVA (Hélio), *Os Tenentes no Poder*, Rio, Civilização Brasileira, 1966, p. 76. Aliás, o chefe integralista manteve sempre com o poder revolucionário relações ambíguas: passa da hostilidade à colaboração. Depois, do fracasso de sua tentativa de influenciar a revolução, volta à atitude crítica. A partir de 1936, a A.I.B. contribui para o desencadeamento do golpe de Estado de 1937 que instaura o Estado Novo, — ou ao menos se faz cúmplice. . . O epílogo foi a ruptura e o *putsch* frustrado em 1938. As relações entre Salgado e certos círculos ligados à Revolução da qual fazia parte um dos mais importantes líderes, Oswaldo Aranha, constituem um problema que os historiadores deverão elucidar.

lismo e estabelecendo contato político entre um grupo disperso de intelectuais e de homens de ação em diversas regiões do país. E desta forma estabelece os fundamentos ideológicos de sua ação política futura, com autonomia face aos revolucionários no poder.

Seu primeiro editorial aparece a 5 de junho de 1931, sob o título "Erros de Hoje, Perigos de Amanhã", no qual define os objetivos de sua atividade jornalística: "No Brasil não há ainda um sentimento coletivo de interesse nacional. Cumpre-nos, ao iniciar a discussão dos problemas que nesse momento nos suscita, declarar, como base de uma orientação segura, que não há interesses estaduais diante dos supremos interesses nacionais. Colocando-nos neste ponto de vista de nacionalismo integral, é que iniciamos a nossa ação jornalística neste trepidante momento da vida brasileira. Nesta nota diária, iremos traçando a linha de um pensamento político, procurando marcar os rumos que nos parecem mais acertados às novas condições e necessidades" (24).

A leitura da coleção de "notas políticas" permite não apenas definir a atitude de Salgado com relação à Revolução de 1930, mas a evolução dessa posição entre 1931 e 1932. Seria interessante analisar os seus artigos sob dois ângulos: primeiro, caracterizar sua atitude face à Revolução de outubro de 1930, comparando-a com a atitude de hostilidade ao seu conteúdo liberal que ele manifesta ao retornar da Europa; segundo, explicitar alguns dos temas centrais de seu pensamento político em elaboração e que reaparecem, mais tarde, na ideologia integralista.

A posição de Salgado face à Revolução de 1930 já havia evoluído de uma atitude crítica à sua inspiração liberal a uma atitude de aceitação do fato revolucionário, na medida em que a Revolução destruiu o sistema político da Velha República. O conjunto de artigos de *A Razão* mostra a evolução posterior desta atitude: do mero reconhecimento de aspectos positivos da Revolução, ele passa a colaborar com o Governo Provisório. Essa colaboração, no entanto, é limitada no tempo, já que, após vários meses de apoio a certas medidas da política revolucionária, Salgado retoma uma atitude de hostilidade crescente ao Governo de Vargas. A importância da sua evolução está em que a partir desse

(24) SALGADO (Plínio), "Erros de Hoje, Perigos de Amanhã", *A Razão*, 5 de junho de 1931.

momento ele começa a proclamar a necessidade de uma “nova revolução” (25).

A primeira meta de Salgado é evitar que a Revolução de 30 se deixe envolver pelo conteúdo doutrinário da Aliança Liberal, que lhe havia servido de bandeira eleitoral e cuja reivindicação lógica seria a convocação da Assembléia Constituinte. Ele afirma que diante do fracasso de quarenta anos de experiência republicana “o Estado brasileiro, como todos os Estados liberais do mundo, estava falido” (26). A penetração limitada na opinião pública das Legiões Revolucionárias de Minas Gerais e de São Paulo, cria condições para o retorno dos partidos tradicionais à arena política. Em consequência, Plínio, em nome do “espírito revolucionário” (27), denuncia os perigos do retrocesso da Revolução. Essa tentativa de retorno ao passado é fruto, na sua opinião, da formação de uma “corrente liberal-democrática que pretende reconduzir a Nação às bases em que a Revolução a encontrou”, isto é, às instituições da Constituição de 1891 (28).

Entretanto, diante do fracasso das Legiões e da ausência de perspectiva ideológica na Revolução de 30, Plínio Salgado reconhece que “a hora dos partidos soou” e que “não lhe resta outro caminho senão deixar que os partidos se agitem” (29) ainda que “a solução dos partidos seja sempre medíocre” (30).

Nesta conjuntura ele tenta encorajar os partidos tradicionais a pensar sobre as bases da futura organização política brasileira.

(25) A mudança de atitude de Salgado se fundamenta no caráter irreversível do processo revolucionário, uma vez que, na base do movimento vitorioso em 1930, encontrava-se uma “revolução subjacente”. Ele distingue a “revolução oficial”, declarada por certos Estados em função do problema da sucessão presidencial, da “revolução em elaboração surda no espírito da nacionalidade”, como sendo “um conjunto de forças desordenadas que agiam no subconsciente brasileiro”. SALGADO (Plínio), “O Primeiro Aniversário”, *A Razão*, 3 de outubro de 1931.

(26) *Ibid.*

(27) SALGADO (Plínio), “Marcha-ré”, *A Razão*, 14 de julho de 1931. junho de 1931.

(28) SALGADO (Plínio), “Marcha-ré”, *A Razão*, 14 de julho de 1931.

(29) SALGADO (Plínio), “A Hora dos Partidos”, *A Razão*, 3/10/1931.

(30) A posição de Salgado se alicerça sobre a experiência da história republicana e sua incapacidade de formar partidos políticos nacionais, desde a campanha “civilista” de Rui Barbosa, em 1909, até a Aliança Liberal de 1930. Além disto, como os partidos procuram prestígio junto a homens ilustres, isso faz com que o povo perca sua capacidade política porque foi “plasmado pela República para ser uma entidade amorfa, incapaz de conhecer ideologias”. SALGADO (Plínio), “A Inércia dos Partidos e o Medo dos Políticos”, *A Razão*, 27 de junho de 1931.

Diante da indiferença dos partidos ao seu apelo, desencadeia uma campanha intensa contra a convocação da Assembléia Constituinte e, conseqüentemente, em favor da continuidade da “Ditadura” até que as bases da nova organização política fiquem bem estabelecidas. Para justificar seu ponto de vista, compara a situação política de 1931 com a de 1890: “Em 1889, ao ser derrubado o trono, golpe de Deodoro, havia um partido republicano com programa definido” (31). Em 1931, a situação é muito diferente, porque “a Revolução de 1930 encontrou o país numa imensa fragmentação. Dentro da própria Aliança Liberal, que levantou a bandeira revolucionária, não havia unidade de pontos de vista” (32). Como as opções fundamentais do novo sistema político não foram ainda estabelecidas, Salgado pensa que a Constituição só deve ser convocada “quando houver correntes bem definidas a respeito das bases doutrinárias a serem adotadas” (33), donde sua opção em favor da permanência do “governo provisório”.

Este momento assinala o início da fase de colaboração de Salgado com o Governo Provisório. Seu apoio traduz-se em mensagens exaltando o paternalismo do chefe do Governo Provisório: “Continue, pois, o Sr. Getúlio Vargas a sua conscienciosa administração; seja o bom tutor deste povo infantil. Assuma a carinhosa, mas austera e vigilante atitude paterna para com este nosso Brasil que está se revelando muito criança para decidir seus próprios destinos” (34).

Entretanto, a solução proposta por Salgado não prevê a permanência indefinida do Governo Provisório. Na realidade, ele apóia a continuidade da ditadura até que se estabeleçam as regras do jogo sobre o debate constitucional fora do esquema democrático da eleição de uma Assembléia Constituinte. Ele propõe que a solução do problema seja entregue aos “técnicos e estudiosos” e sugere ao governo a criação de uma “Comissão Central de Estudos” para formular as principais teses cujas “fontes serão as estatísticas, os estudos regionais, as pesquisas históricas” (35).

(31) SALGADO (Plínio), “Duas Épocas Históricas” (II), *A Razão* 6/12/31.

(32) *Ibid.*

(33) SALGADO (Plínio), “A Constituinte”, *A Razão*, 27 de novembro de 1931.

(34) *Ibid.*

(35) SALGADO (Plínio), “Preparação para a Constituinte”, *A Razão*, 1.º de dezembro de 1931.

Estes dados permitem avaliar a evolução da atitude de Salgado diante da Revolução de 30. Face à indiferença dos partidos tradicionais ao seu apelo, decide apoiar o Governo Provisório. Não se trata mais de tolerar apenas a Revolução, reconhecendo alguns aspectos positivos, mas de colaborar na sua implantação definitiva. Desde suas "notas políticas" contra os partidos e a convocação da constituinte, havia um apoio indireto ao Governo Provisório (36). Mais tarde, a partir de agosto de 1931, passa ao apoio direto, afirmando que a "continuidade da Ditadura é um sonho de verdadeiros revolucionários" (37). Essa posição conduzirá Salgado a escrever uma série de artigos intitulados "Diretrizes à Ditadura".

Essa nova série de artigos tenta oferecer fundamentos ideológicos à ação do Governo Provisório. Após haver criticado sistematicamente a Velha República Liberal, Plínio insiste que é na Ditadura e não mais na Revolução, que "nosso povo bom, trabalhador, dócil, corajoso confia" (38), propondo a extinção dos partidos políticos e a implantação de um "partido nacional único" (39). O apoio à ditadura não é incondicional, mas baseia-se na esperança de que o Governo Provisório, se apoiando em "especialistas dos problemas nacionais", disporá das melhores condições para elaborar uma nova concepção do Estado, dando rumos definitivos ao movimento revolucionário. A "Ditadura" seria, pois, o instrumento para realizar a transformação do Estado que, desde o seu retorno da Europa, se tornou para ele uma verdadeira obsessão.

Após ter escrito uma série de artigos doutrinários, constata que o Governo Provisório se mantém indiferente à sua pregação. Sem perspectiva de influenciar o rumo dos acontecimentos, restalhe como única alternativa lançar um apelo à juventude "A gera-

(36) Essa posição de Salgado explica, em grande parte, o incêndio que sofreu o jornal *A Razão*, provocado por elementos ligados à Revolução paulista, porque, à medida que combatia a convocação da Constituinte, fazia o jogo da "ditadura", contrariando os interesses dos revolucionários de São Paulo.

(37) SALGADO (Plínio), "O Rumo Provável dos Partidos", *A Razão*, 12 de agosto de 1931.

(38) SALGADO (Plínio), "Rumos da Ditadura" (VIII), *A Razão*, 14 de fevereiro de 1932.

(39) "Esse erro que devemos tratar. É nós só o conseguiremos pela extinção dos partidos, ou, então, pela constituição de um só partido, um partido nacional único." SALGADO (Plínio), "Rumos da Ditadura" (XI), *A Razão*, 18 de fevereiro de 1932.

ção nova que contempla do alto do seu idealismo fundado na realidade a planície imensa, onde tudo se confunde na paisagem da macega da política nacional, — essa é que deve assumir a direção dos negócios da Pátria (...) Essa é que deve falar, que deve agir, que deve governar" (40). Esse apelo torna-se uma afirmação e um prognóstico: "O Brasil surdo e paralisado há de erguer-se um dia: não de armas na mão, mas com a consciência poderosa de novas gerações" (41). E para orientar a ação desta juventude, Salgado define alguns pontos de referência doutrinários. O núcleo desta nova doutrina é uma visão filosófica da sociedade dirigida para uma finalidade moral e centrada sobre uma concepção do Estado. "O Estado moderno, síntese de todas as energias materiais, morais, intelectuais e espirituais de um povo, não pode assistir indiferente à luta entre dois monstros apocalípticos (capitalismo e comunismo)." É preciso definir "uma concepção nova do Estado", baseada nas "finalidades superiores do homem" (42). O conteúdo dessa doutrina, germe do integralismo, é que cabe explicitar a partir de suas "notas políticas".

### 3 — UMA IDEOLOGIA EM MATURAÇÃO

Após abril de 1932, Salgado não mais dirige suas "notas políticas" ao Governo Provisório, como fizera na série de artigos publicados em fevereiro, sob o título "Diretrizes à Ditadura". Uma nova linguagem reflete sua decepção ante a indiferença do governo e sua disposição de organizar um movimento político independente. Aliás, é preciso não esquecer que, desde fins de fevereiro de 1932, já havia sido fundada a Sociedade de Estudos Políticos (S.E.P.) em São Paulo, reunindo jovens intelectuais sob a inspiração de Plínio Salgado.

No novo conjunto de artigos intitulados "Construção Nacional", que começa a ser publicado em meados de abril de 1932, Salgado defende a tese da necessidade de uma *revolução na Revolução* ao afirmar que, se a mudança política de 30 significa um retorno ao passado, então ela "falhou". Anuncia, pois, que

(40) SALGADO (Plínio), "O Horror das Responsabilidades", *A Razão*, 1 de julho de 1931.

(41) SALGADO (Plínio), "O Baile de Máscaras", *A Razão*, 25 de novembro de 1931.

(42) SALGADO (Plínio), "A Questão Social", *A Razão*, 11 de julho de 1931.

“uma revolução está nascendo”, e que diante deste movimento, o Brasil não retrocederá porque “se não for o de 32, será o de uma data futura que será inevitável, tão certo como foi inevitável o movimento de 1930” (43). O objetivo, portanto, dessa série de artigos é o de estabelecer as bases ideológicas da nova revolução.

A análise dos temas dominantes dos seus editoriais permite definir as linhas gerais de sua visão ideológica e avaliar o grau de elaboração de seu pensamento político. Constatou-se que as principais dimensões da ideologia integralista já estão presentes, ainda que de uma forma genérica e, algumas vezes, imprecisa. Alguns temas, tais como o antiliberalismo e o nacionalismo, estão bem definidos, enquanto outros permanecem num nível intuitivo e vago, como, por exemplo, a organização do Estado.

Salgado começa por descrever o homem real para o qual se destina sua mensagem. Inspirando-se na figura de Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, ele define simbolicamente o homem brasileiro: “Jeca Tatu é o espírito nacional. É a incerteza do Povo Criança. É o homem perdido no imenso meio físico (...). O Jeca Tatu exigia e continua a exigir decifradores. Ele não é a face ridícula da Nação, mas a própria Nação” (44). Considera que o brasileiro autêntico é desprezado pelos dirigentes do país: “Não podendo compreendê-lo segundo a sua verdade e seu processo de vida e de formação social e política, os homens acusam Jeca Tatu (...). Todo rumo da política brasileira tem sido o de um afastamento contínuo dessa verdade essencial que é o homem do Brasil” (45).

Convém ressaltar igualmente que a concepção ideológica de Salgado se organiza a partir de um humanismo espiritualista, isto é, “do princípio que considera o ser humano e os seus aglomerados sociais (...), segundo uma finalidade superior, espiritual e moral (...). Assentado esse conceito, dele deriva, como consequência lógica, a concepção do Estado, como ponto de referência das atividades humanas” (46).

O Estado: nascida da crítica ao Estado liberal, a concepção de Estado apresentada por Salgado reflete o clima ideológico dos anos 30. Na sua opinião, a Europa produziu três modelos básicos da ditadura: o russo, o italiano e o português, todos com uma

(43) SALGADO (Plínio), “Construção Nacional”, *A Razão*, 20 de abril de 1932.

(44) SALGADO (Plínio), “Rumos a Ditadura” (IX), *A Razão*, 16 de fevereiro de 1932.

(45) *Ibid.*

(46) *Ibid.*

ideologia definida e baseada numa concepção particular do Estado. Desta tipologia ele extrai a lição de que “as ditaduras dos países civilizados se apóiam hoje em dia num corpo de idéias mediante o qual são apreciados todos os problemas de ordem política e de ordem técnica” (47). O Estado, porém, não deve ser fruto de pura criação intelectual, mas moldar-se à realidade mundial e nacional. Além disto, Salgado acrescenta que “o Estado Moderno “conveniente a todos os povos é o que possa exercer a sua ação na maior órbita possível. É o que disciplina e orienta as forças vivas da nacionalidade” (48).

Colocadas as bases do Estado, o futuro chefe integralista indica as suas principais finalidades: ele é a “força suprema interveniente nos rumos e finalidades sociais (...); Estado que, garantindo a propriedade e a iniciativa privada, saiba demarcar os limites do exercício das liberdades individuais, segundo os interesses gerais e nacionais; Estado em que as classes se representem em corpos legislativos (...); Estado que absorva todas as energias da Nação e que as exprima num todo individual” (49). Inclusive, utiliza a expressão “Estado Integral” para o caracterizar como “conjunto de forças materiais, morais e intelectuais (...), impondo um finalidade humana aos povos” (50).

A estrutura do Estado deve ser corporativa e unipartidária, tornando-se o quadro no qual as diversas categorias profissionais se fazem representar em órgãos legislativos. Seu conteúdo se explicita, quando Salgado afirma que o Estado deverá ter por base “a sindicalização de todas as profissões e a representação de cada uma delas, quer nas Câmaras Municipais, quer nas Legislativas Estaduais, quer no Congresso Federal” (51).

Critica, finalmente, o sistema pluripartidário e a incapacidade da República de gerar partidos nacionais com programas definidos, propondo “a extinção dos partidos” e a implantação de “um partido nacional único” (52). Na base do sistema coloca o

(47) SALGADO (Plínio), “Federação e Sufrágio” (XX), *A Razão*, 26 de janeiro de 1932.

(48) SALGADO (Plínio), “Tipos de Ditadura”, *A Razão*, 1 de setembro de 1932.

(49) SALGADO (Plínio), “A Verdadeira Concepção do Estado”, *A Razão*, 4 de setembro de 1931.

(50) *Ibid.*

(51) SALGADO (Plínio), “Do Liberalismo ao Comunismo”, *A Razão*, 2 de dezembro de 1931.

(52) SALGADO (Plínio), “Federação e Sufrágio”, *A Razão*, 2 de fevereiro de 1932.



município, de onde “provém o espírito da organização nacional” (53). A “unidade municipal” é o fundamento da organização do Estado, mas também da nacionalidade, porque a Nação originou-se dos municípios: “A nacionalidade brasileira nasceu das atas das Câmaras Municipais” (54).

A *Revolução*: para se definir o significado de “revolução” nos escritos de Plínio da época, deve-se partir de sua análise sobre a Revolução de 30. O movimento de outubro foi, na sua interpretação, a eclosão de um processo revolucionário subjacente mais amplo que se manifestara através do ciclo de movimentos revolucionários anteriores. A combinação conjuntural de fatos que o provocou é secundária na medida em que o processo desencadeado era irreversível. Mesmo que os revolucionários de 30 tivessem tentado conter o movimento, ele teria surgido mais tarde sob a pressão de uma nova geração. Neste sentido, revolução para Salgado não se confunde com *putsch* ou com substituição de um grupo político no poder: revolução, em última análise, é um processo de transformações cumulativas que surge de maneira quase mecânica quando certas condições estruturais prévias se articulam.

Salgado, referindo-se à experiência histórica das revoluções universais, considera que elas “se elaboram exatamente nos períodos de conjunção, de transição, de deslocamento de centros de equilíbrio. Nesses períodos tudo se mistura, e na maior parte das vezes, o que aparece nos olhos do observador não é exatamente (...) o que está, em verdade, animando os movimentos da sociedade” (55). Com esta convicção, ele discorda do chefe do Governo Provisório que declara não poder dirigir as forças instáveis e desordenadas da revolução, acusando-o de se situar na linha de um “moralismo político que é, hoje em dia, o cancro que está roendo e putrefazendo o princípio da autoridade” (56).

Além do mais, para Salgado, o processo revolucionário possui também a capacidade de fazer emergir o líder carismático: “Uma revolução é uma força nacional que deflagra e arrasta em impulsões imprevisíveis as energias sociais, até que uma menta-

(53) SALGADO (Plínio), “Rumos a Ditadura” (XI), *A Razão*, 18/2/1932.

(54) SALGADO (Plínio), “Construção Nacional”, *A Razão*, 23 de abril de 1932. Salgado procura a legitimidade do município no fato histórico que o município, no Brasil, precedeu a Província e ele é “o prolongamento da família”. “O Município”, *A Razão*, 6 de setembro de 1931.

(55) *Ibid.*

(56) *Ibid.*

lidade forte, dispondo de elementos materiais suficientes, possa impor uma coordenação, uma disciplina segundo os impositivos de uma consciência nova que se criou. Suscitar o advento dessa consciência, eis a obra presente da Revolução” (57).

O *Nacionalismo*: em quase todos os artigos de Salgado, uma atitude nacionalista está presente. Já no primeiro editorial, ele denuncia “a ausência de um sentimento coletivo do interesse nacional” e afirma que sua atitude se inspira no “nacionalismo integral” (58). Seu nacionalismo enfatiza, sobretudo, três temas básicos do ideário nacionalista: a unidade nacional, o anticosmopolitismo e a consciência nacional.

As referências de Salgado acerca da conjuntura política, em 1931, revelam uma constante preocupação com a “instabilidade do equilíbrio da unidade nacional”. Ele considera responsável por essa situação, que se agravou com o advento da República, a implantação do sistema federativo, na medida em que atribuiu uma grande autonomia a cada unidade sob o controle dos partidos únicos regionais. Ainda que o Império tenha preservado a unidade nacional através da centralização política, as raízes do mal encontram-se nesta época em que “não houvera tempo suficiente para uma maior expansão da nossa vida econômica e para uma cristalização mais perfeita do espírito nacional” (59). A responsabilidade maior, todavia, cabe à República, ou mais precisamente “à mentalidade democrática e liberal do fim do século passado, à qual os fundadores da República de 89 e os perseguidores da sua obra administrativa e política não puderam se furtar” (60).

Em Salgado, os temas do cosmopolitismo e da ausência de consciência nacional são indissociáveis. O primeiro, provocado pela imitação dos modelos políticos estrangeiros, origina-se do fato de que “as elites brasileiras tomaram, como propulsores da nossa evolução política e constitucional, a liberdade e a democracia européias” (61). Salgado entende que devemos rejeitar esta noção etnocêntrica de liberdade uma vez que “a liberdade não foi, em nossa Pátria, uma conquista. Foi uma condição natural da vida aventureira do sertão. Foi uma relação do homem

(57) *Ibid.*

(58) SALGADO (Plínio), “A Aliança Liberal e a Revolução”, *A Razão*, 4 de janeiro de 1932.

(59) *Ibid.*

(60) *Ibid.*

(61) *Ibid.*

e da terra vasta". Em nosso país, segundo ele, "a democracia era um estado natural" (62).

A influência cosmopolita destrói a consciência nacional pela rejeição de nossas tradições: "nenhum país, diz ele, mais do que o Brasil, precisa neste momento de fortes injeções de nacionalismo que constitui hoje em dia a suprema salvação de todos os povos" (63). A fonte do espírito nacional encontra-se no culto da história: "a decadência dos povos se assinala pelo esquecimento das tradições nacionais" e são justamente os povos fortes e em pleno desenvolvimento os que mais cultivam a memória dos seus antepassados" (64). Em suma, o seu nacionalismo, nessa época, é essencialmente político, isto é, baseado no culto ao passado e na reação contra a influência estrangeira, embora sem nenhuma dimensão econômica.

*Antiliberalismo:* o risco de um retorno da Revolução de 30 ao modelo político da Primeira República leva Salgado a concentrar sua crítica no liberalismo, através da denúncia do Estado liberal em suas formas monárquica ou republicana, e dos princípios ou mecanismos fundamentais do sistema: a liberdade política, o sufrágio universal e o sistema multipartidário.

O Estado liberal, segundo ele, nasceu a serviço das classes dominantes. Ele é "o regime criado pelos controladores de produção, nos fins do século XVIII, para iludir a plebe e arruinar um Estado fraco e não intervencionista". Conseqüentemente é "o regime, por excelência, em que os fortes dominam sobre os fracos" (65).

Além disto, o Estado liberal, é unidimensional porque é incapaz de compreender o homem na sua dimensão total: "O Estado, no conceito liberal-democrático, encara o cidadão como uma mera expressão política (...), portanto não se interessa pelo cidadão como expressão de trabalho, de sofrimento" (66). Desta unilateralidade resulta seu caráter conservador, na medida em que se recusa a intervir na organização da sociedade para superar as desigualdades e os conflitos. "O Estado liberal demo-

(62) SALGADO (Plínio), "Construção Nacional", *A Razão*, 22/abr./1932.

(63) *Ibid.*

(64) SALGADO (Plínio), "O Sentido Imperialista das Democracias", *A Razão*, 2 de outubro de 1931.

(65) *Ibid.*

(66) SALGADO (Plínio), "O Cidadão e o Estado", *A Razão*, 17 de julho de 1931.

crático é, portanto, um Estado opressor. Com a sua aparência agnóstica, indiferente às lutas pela existência, aos conflitos sociais, o que ele faz é deixar que os tumultos se deflagrem e que o mais forte esmague o mais fraco" (67).

Entretanto o que parece mais grave aos olhos de Salgado é a constância das idéias liberais em todos os sistemas políticos brasileiros. Nestas condições, a instauração da República não apresenta uma mudança qualitativa com relação à monarquia, mas uma agravamento das tendências liberais preexistentes: "A República não passou da continuação do senso político da Monarquia, do senso liberal, da marcha insaciável de liberdades mais amplas. Assim, os erros da Monarquia foram consagrados pela República, que os agravou em todas as esferas da sua atividade política" (68).

Após a crítica global do Estado liberal, começa a contestação dos elementos constitutivos do sistema liberal-democrático. Salgado considera que a liberdade está em contradição com a autoridade: a idéia de liberdade ameaça a disciplina e o equilíbrio social em sua base porque "todos os sofrimentos do mundo moderno se originam de um só defeito... a falta de disciplina. O conceito de liberdade excessiva determinou o grande desequilíbrio social que perturba o ritmo da vida do nosso século". E conclui: "Em nome da liberdade o gênero humano caminha para a ruína total" (69). Salgado só admite a liberdade condicionada a uma finalidade social, porque: "o senso de liberdade política deve ser aquele que garante a plena expansão das aspirações humanas em relação a uma finalidade estabelecida". E na sua concepção, "a democracia é a negação da liberdade, ou antes, é a própria liberdade em desordem ou em suicídio" (70).

Ao nível dos mecanismos políticos da democracia liberal, Salgado critica o sufrágio universal, afirmando que simboliza a grande ilusão com a qual "a burguesia triunfante com a Revolução Francesa embriagou a massa dos oprimidos" (71). O sufrágio

(67) SALGADO (Plínio), "O Cidadão e o Estado", *A Razão*, 17 de julho de 1931.

(68) *Ibid.*

(69) SALGADO (Plínio), "Rumos a Ditadura" (V), *A Razão*, 11 de fevereiro de 1932.

(70) SALGADO (Plínio), "Homens e Instituições", *A Razão*, 30/set./1931.

(71) SALGADO (Plínio), "Rumos a Ditadura" (XII), *A Razão*, 19/fev./1932.

propria aos indivíduos escolhas abstratas, sem relação com os seus interesses reais. Denuncia também a igualdade política dos indivíduos associada ao voto da finalidade humana. O conceito da "soberania nacional" que a Revolução Francesa consagrou como índice da "vontade geral" é um conceito incompleto (...). Esse nivelamento cívico (...) é uma mentira que deve ser destruída" (72).

A crítica aos partidos políticos se baseia menos na idéia de que eles provocam a divisão da Nação do que na experiência histórica brasileira. É por isto que, durante o Império, quando havia dois partidos nacionais e definidos, o Conservador e o Liberal, seu ataque ao sistema partidário é menos radical: "O Império, com todo o artificialismo do seu sistema parlamentar, tinha conseguido, entretanto, dar uma direção unificadora das forças de opinião nacional (...). Mas, em todo o caso, a Monarquia, politicamente, foi superior à República" (73). A crítica aos partidos surge, pois, da combinação histórica do federalismo republicano enquanto força de dispersão da unidade política e da manipulação dos recursos políticos dos Estados pelos chefes políticos regionais e locais.

*O anticomunismo:* é curioso constatar como Salgado, que se tornará um dos líderes do combate ao comunismo, dedica tão pouca importância em suas notas políticas a este tema. Isto se explica, em parte, pelo fato de que o inimigo principal na época era o liberalismo. A atmosfera política era de tal forma marcada pelos riscos de um retorno à experiência liberal-democrática e, em contraposição, pelo desejo de um regime autoritário, que a idéia da ameaça comunista se diluía em seu espírito.

Ressalvadas algumas referências ao processo contra Prestes por deserção, ocasião em que ele protesta contra "a timidez com que se está encarando o julgamento" (74), e uma alusão à situação do povo russo no "paraíso vermelho" (75), a única passagem onde Salgado se refere ao comunismo encontra-se numa "nota política" chamada "A Marcha dos Icebergs". Neste artigo,

(72) SALGADO (Plínio), "O Cidadão e o Estado", *A Razão* 17/jul./1931.

(73) SALGADO (Plínio), "Federação e o Sufrágio" (XXI), *A Razão*, 27 de janeiro de 1932.

(74) SALGADO (Plínio), "A Inércia dos Partidos e o Medo dos Políticos", *A Razão*, 27 de junho de 1931.

(75) SALGADO (Plínio), "Força contra Força", *A Razão*, 8 de agosto de 1931.

não aparece nenhuma crítica ao conteúdo ideológico do marxismo, mas alusões às conseqüências perigosas do jogo das facções políticas, já que a "onda vermelha caminha inexoravelmente" (76). A previsão de Salgado é de que a marcha dos "icebergs" políticos não vai continuar indefinidamente e que "o degelo será inevitável, porque as correntes levam essas frágeis montanhas para os rebojos quentes em que elas desaparecerão. E desaparecerão fatalmente, porque debaixo delas tumultua a onda quente da propaganda comunista, implacável na sua obra de destruição de partidos e de grupos" (77). Portanto, a ameaça comunista não se traduz mais na imagem da geleira, ameaçando espalhar-se inevitavelmente sobre todos os países, como no romance *O Estrangeiro* (78), mas se transforma na água morna das correntes marítimas, penetrando subterraneamente no sistema político.

*O anticapitalismo:* a atitude de Salgado com relação ao capitalismo está presente inicialmente sob a forma de crítica ao maquinismo em suas "Notas Políticas". Sem negar a importância do progresso técnico no controle da natureza pelo homem, ele constata que "o instinto da máquina vai avassalando tudo" (79). Ao perigo da máquina acresce a ameaça da concentração capitalista: "É o capital (...) que ensaia a sua tirania na forma dos grandes trustes, dos monopólios, dos grupos financeiros (...) e que se dirige para o capitalismo de Estado, numa velocidade cada vez mais enervadora" (80).

Todo o progresso aumenta sensivelmente a angústia humana, sobretudo porque ele se realiza com uma rapidez sem precedente: "o advento da máquina abriu uma nova era que se precipitou tão violentamente que não deu tempo aos novos de criar um novo senso de direitos, uma nova consciência de vida". Entretanto, esta rapidez do progresso contém o germe da sua própria crise: "O fenômeno da evolução capitalista teria de se efetuar em alguns séculos. As invenções modernas e a técnica contemporânea aceleram-na. E já na Grande Guerra se tinha o ciclo final de uma civilização. Virtualmente, a civilização capitalista terminou

(76) SALGADO (Plínio), "O Paraíso Vermelho", *A Razão*, 28 de janeiro de 1932.

(77) SALGADO (Plínio), "A Marcha dos Icebergs", *A Razão*, 18 de setembro de 1931.

(78) *Ibid.*

(79) SALGADO (Plínio), *O Estrangeiro*, op. cit., pp. 18-19.

(80) SALGADO (Plínio), "O Rumor da Proccla", *A Razão*, 18 de setembro de 1931.

com a Grande Guerra (...). Nós hoje vivemos a ilusão de uma civilização que já não existe senão nas suas formas materiais." Neste sentido, Salgado acusa os banqueiros internacionais de tentar dar vida ao defunto no "desespero de animar com novo sopro de vida o cadáver de uma civilização que fundou a sua finalidade no que há de mais frágil e efêmero na natureza humana: "o materialismo dos costumes e o instinto mesquinho do lucro" (81).

Finalmente, este anticapitalismo se traduz no combate ao capitalismo internacional, produto da implantação desordenada do capitalismo no mundo. No plano nacional, Salgado propõe-se a "humanizar" o capitalismo, conciliando-o com o homem, de vez que as Nações "poderão assumir o controle da economia universal, respeitando os princípios da propriedade e da família que a civilização capitalista tem afirmado em teoria e negado na prática" (82). No que concerne à dependência econômica resultante do capitalismo financeiro, sua linguagem é mais radical: "para descobrirmos (...) as causas das desgraças financeiras do Brasil, veremos que o único culpado foi o capitalismo universal que nos colonizou, que nos escravizou e prossegue a sua marcha, esmagando as nacionalidades..." (83).

*Os fascismos:* A última dimensão diz respeito à posição de Salgado com relação aos fascismos. A análise do conteúdo dos editoriais revela uma atitude mais simpática aos fascismos do que nos escritos anteriores.

Num dos editoriais em que analisa a situação política internacional, sobretudo a da Alemanha, em fins de 1931, ele afirma que nos momentos de crise não há lugar para os indecisos. "As multidões, não se interessam pelos que pretendem conciliar e protelar. Os que afirmam corajosamente são os que conseguem arrastar as massas populares" (84).

Face a esta tendência de polarização política dos extremos, Salgado escreve, em fevereiro de 1932, que o mundo moderno se encontra diante de duas interpretações da sociedade: "ou ficamos com a tese de Karl Marx e adotamos o princípio do materialis-

(81) *Ibid.*

(82) SALGADO (Plínio), "Tragédia do Século", *A Razão*, 22 de setembro de 1931.

(83) SALGADO (Plínio), "O Passado e o Futuro", *A Razão*, 20 de setembro de 1931.

(84) SALGADO (Plínio), "A Marcha para as Extremas", *A Razão*, 3 de fevereiro de 1931.

mo histórico e o processo da revolução social; ou ficamos na extrema-direita, afirmando que o homem e a sociedade objetivam, através das contingências econômicas, os ideais superiores de natureza intelectual, moral e espiritual". E conclui, que "se queremos criar uma Nação com profunda consciência de si própria, — neste caso, temos que assumir uma atitude de coragem e de renúncia pessoal, abandonando toda a mentira perigosa da democracia de meios, para nos realizarmos numa verdadeira democracia de fins" (85).

Esta opção em favor da extrema-direita coloca-o numa posição paradoxal: ao mesmo tempo que manifesta uma simpatia mais declarada pelos fascismos, procura conceber um regime original para o Brasil. Apesar do dilema, não deixa de reconhecer que "o fascismo é o Estado-síntese por excelência, o Estado que traz em si, todas as fisionomias nacionais" (86).

A compreensão do conteúdo de sua posição exige, porém, certas ressalvas. Num artigo ulterior, Plínio afirma que "o que há de essencial na doutrina fascista é perfeitamente aceitável, como concepção do Estado (...), entretanto, o que esse regime tem de formal, não pode, de nenhum modo, se aplicar ao caso brasileiro". Ele proclama que Alberto Torres desde 1914 "muito antes da concepção fascista do Estado", preconizou para o Brasil "uma forma de governo republicano, que condicionava a doutrina agora consagrada pelos Roccas e Gentiles" (87). A posição de Salgado, portanto, apesar de todas estas nuances, enquadra-se na corrente fascista. Embora procure preservar a especificidade do caso brasileiro, sua atitude fundamenta-se na crença de que "só os governos fortes, que disponham da verdadeira autoridade, poderão realizar um dia os entendimentos necessários para impor ao mundo contemporâneo um ritmo seguro" (88).

A análise, pois, das principais dimensões da posição de Plínio Salgado durante sua atividade jornalística em *A Razão*, demonstra que o arcabouço da ideologia integralista estava elaborado. Restaria exprimir, em conclusão, o estado de espírito "pré-integralista" de Salgado no final de sua atividade no jornal

(85) SALGADO (Plínio), "A Federação e o Sufrágio", *A Razão*, 3 de fevereiro de 1931.

(86) SALGADO (Plínio), "A Federação e o Sufrágio", *A Razão*, 3 de fevereiro de 1931.

(87) SALGADO (Plínio), "Nacionalismo e Cooperativismo Internacional" (I), *A Razão*, 4 de outubro de 1931.

(88) SALGADO (Plínio), "Regimes Políticos", *A Razão*, 21 de outubro de 1931.

*A Razão*. Nada mais sugestivo do que mencionar a passagem de uma "Nota Política", de novembro de 1931, onde ele reconhece que "o gérmen da Ação Integralista Brasileira se desenvolve neste momento" (89) e que se torna um imperativo despertar a Nação: "o Brasil que não respira. Permita Deus que não esteja morto. Porque os povos vivem nas agitações das idéias. E a nossa Pátria não vibra ao sopro generoso do pensamento (...). São esses movimentos que geram as controvérsias, a discussão, no terreno elevado da doutrina. Dessas controvérsias é que se origina o calor dos debates. Dos debates é que se vai à luta. E a luta é a expressão da vida dos povos. Um povo que não luta é um povo que perdeu o sentido da vida, que perdeu a consciência de si mesmo". Termina manifestando sua disposição de agir: "Precisamos despertar o Brasil. Para a luta franca, definida, forte, das idéias" e "para a batalha do pensamento, que deve exprimir-se nos grandes debates, e até nas barricadas" (90). Essa predisposição para o engajamento de Salgado não é somente resultante de um ato de vontade individual, mas se insere no contexto de ascensão das idéias de extrema-direita após a tomada do poder pelos revolucionários de 30 (91).

(89) SALGADO (Plínio), "Democracia e Nacionalismo", *A Razão*, 12 de dezembro de 1931.

(90) "A Pátria Adormecida": este artigo exprime a angústia dos que sofriam as humilhações de um povo. Dentro desses períodos palpita o gérmen do grande movimento integralista, que deveria despertar a Nação", in SALGADO (Plínio), *Despertemos a Nação*, op. cit., p. 87.

(91) SALGADO (Plínio), *Ibid.*

## CAPÍTULO II

### A ASCENSÃO DAS IDÉIAS AUTORITÁRIAS EM 1930 E O NASCIMENTO DO INTEGRALISMO

A influência da expansão das idéias fascistas européias faz da década de 30 no Brasil um período de ascensão de idéias radicais de direita. Este fato se constata pela presença nas livrarias de uma abundante literatura sobre o fascismo italiano e o novo Estado português. A publicação, neste período, de uma série de livros analisando a situação política brasileira numa perspectiva antiliberal, bem como o aparecimento de várias revistas e movimentos ideológicos de orientação política fascista, monarquista ou corporativista, comprovam a receptividade das idéias autoritárias na década de 1930. A importância desses grupos é desigual e sua ação revela uma predisposição em influenciar ideologicamente o Governo Provisório. Mais tarde, a maior parte desses grupos políticos ou intelectuais vai se amalgamar na Ação Integralista Brasileira.

Pouco tempo depois da vitória da revolução de 30, o clima geral é de agitação ideológica e as tendências políticas se polarizam. Como observa Barbosa Lima: "É a hora das tendências fascistas" (1). A polémica em torno da convocação ou não da Constituinte deixa o terreno livre à penetração das idéias de extrema-direita. Nessa época "o sentido reacionário do fascismo não havia tirado de todo a máscara que Mussolini sabia compor com o seu antigo socialismo" e "entre os que defendiam a cons-

(1) LIMA SOBRINHO (Barbosa), *Presença de Alberto Torres*, Rio, Civilização Brasileira, 1968, p. 497.

titucionalização imediata se misturavam os que viam fantasmas comunistas por toda a parte e homens da esquerda que recebavam que o tenentismo fosse aos poucos sendo envolvido, ou envenenado, pelas tendências fascistas..." (2). Portanto, a fundação da A.I.B., em 1932, não é um fato isolado, mas resulta da cristalização das idéias radiciais de direita no Brasil nos anos 30 e da convergência dos movimentos precursores que Salgado buscará integrar.

## 1 — A LITERATURA ANTILIBERAL

Se a Revolução de 1930 não tivesse gerado conseqüências sobre a evolução política, econômica e social do Brasil, teria tido, ao menos, o mérito de criar um período de produção intelectual dos mais fecundos. Dificilmente se encontra no passado um número tão significativo de obras de análise político-sociológica sobre a sociedade brasileira (3).

Cruz Costa, referindo-se ao período, menciona o testemunho de um dos jovens dessa geração que descreve o ambiente dominante entre 1931 e 1933: "no meio da confusão, Ronald de Carvalho teve ocasião de dizer que a nossa geração, com essa floreação magnífica de escritores, sociólogos, jornalistas, orientados todos no sentido de suprema política (...) é a geração que Alberto Torres sonhou (...) cuja razão de ser não decorre da política vulgar mas do estudo e da resolução dos problemas administrativos, econômicos, financeiros e sociais" (4).

Os traços que definem esta geração e que são comuns aos jovens situados politicamente, tanto à direita quanto à esquerda,

(2) *Ibid.*

(3) Embora *Os Serões*, de Euclides da Cunha, seja um livro precursor que ultrapassa o âmbito puramente literário e a geração modernista se tenha inspirado bastante em temas nacionalistas, apenas na década de 30 é que houve um florescimento de obras específicas de análise sobre a realidade nacional. Refiro-me, igualmente, à série de ensaios, lançada pelo editor Schmidt, no início da década de 30, sob o nome de "Coleção Azul".

(4) CRUZ COSTA (João), *Contribuição à História das Idéias no Brasil*, Rio, José Olympio, 1956, p. 397. Os autores deste período são: Alceu Amoroso Lima, Gilberto Amado, Azevedo Amaral, Octávio de Faria, Oliveria Vianna, Virgínio Santa Rosa, Afonso Arinos de Mello Franco, José Maria Bello, Barbosa Lima Sobrinho, Martins de Almeida, Alcindo Sodrê, Ronald de Carvalho, Sérgio Buarque de Hollanda, Hélio Vianna, Cândido Motta Filho, Paulo Prado, Capistrano de Abreu, Alcides Gentil.

são a *inquietação*, o *ceticismo* e o *antiliberalismo*. O conteúdo deste estado de espírito se exprime na revolução estética, na renovação espiritual e nas insurreições tenentistas, numa época em que as transformações do mundo no após-guerra põem em questão os esquemas tradicionais, e a inquietação da nova geração brasileira reflete, igualmente, o clima internacional.

Salgado, um ano após a Revolução de 30, refere-se à insatisfação e a angústia de sua geração: "o que nos dava ilusão de clareza era o artificialismo das nossas instituições. Derrubada a Velha República, com o movimento revolucionário de 1930, sentimo-nos mais que nunca no escuro" (5). Cândido Motta Filho, vindo das fileiras do P.R.P., redescobre para os jovens de sua época a obra de Alberto Torres e define sua geração no primeiro capítulo do ensaio, como uma "Geração Sacrificada". Manifestando seu ceticismo afirma que "todas as épocas tiveram suas crenças e seus mitos. Nós ficamos sem mitos e sem crenças" (6).

Virgínio Santa Rosa (7), num ensaio sobre a situação política, sugestivamente intitulado "A Desordem", exprime também a mesma perplexidade ao escolher como epígrafe uma frase pessimista de Octávio de Faria (8): "Para nós, geração fundida à sombra desta tragédia, todo otimismo em relação ao Brasil que vimos parece não só absurdo como até, sob um certo ponto de vista, criminoso: é a ele que responsabilizamos por um sem número de males" (9).

Esta geração, porém, é sobretudo uma geração antiliberal. Explica-se esta atitude pelo impacto da Revolução Soviética e pela incapacidade das democracias liberais de fazerem face à

(5) SALGADO (Plínio), "Prefácio", in MOTTA FILHO (Cândido), *Alberto Torres e o Tema de Nossa Geração*, Rio, Schmidt, 1931, p. 9.

(6) *Ibid.*, p. 12.

(7) Autor de uma das mais lúcidas análises do movimento "tenentista", *O Sentido do Tenentismo*, Rio, Schmidt, 1933.

(8) Octávio de Faria é um dos mais brilhantes intelectuais de sua geração. Escreveu um ensaio, em 1930, sobre *A Desordem do Mundo Moderno, Maquiavel e o Brasil*, onde defende a tese que Mussolini é a encarnação moderna do Príncipe sonhado por Maquiavel; enfim, um ensaio antimarxista, em 1933, intitulado *O Destino do Socialismo*.

(9) SANTA ROSA (Virgínio), *A Desordem*, Rio, Schmidt, 1932, p. 5. Um dos únicos livros da época que pretende fugir a este ceticismo generalizado é o de Afonso Arinos de Mello Franco: *Introdução à Realidade Brasileira*, Rio, Schmidt, 1933. Entretanto ele mesmo reconhece que o Brasil, senão "desorganizado", é um país "em desordem" e que isto pode se resolver com uma maior influência dos intelectuais na política.

ameaça socialista, dois fenômenos considerados como sinais da decadência do liberalismo. Este antiliberalismo ideológico se reforça com a tendência à centralização do poder político inspirada nos modelos autoritários europeus. Além disto, os autores nacionais que têm mais influência sobre a geração de 30 são Alberto Torres<sup>(10)</sup>, Oliveira Vianna<sup>(11)</sup>, e Azevedo Amaral<sup>(12)</sup>, cujos livros defendem a reformulação do sistema político em termos antiliberais. Estes três estudiosos da crise brasileira, "em nome da inadequação entre os modelos institucionais e a realidade social, propõem uma forma de organização do sistema social e político em que sobressai o papel primordial de um Estado forte e centralizado na implementação dos interesses coletivos"<sup>(13)</sup>.

A convergência ideológica antiliberal da direita manifesta-se igualmente pelo surgimento, nos meios universitários e intelectuais do Rio e São Paulo, de alguns periódicos cujos dirigentes e colaboradores eram simpatizantes ou engajados em movimentos de extrema-direita. Trata-se das revistas: *Hierarchia*, *Revista de Estudos Jurídicos e Sociais*, do Rio, e *Política*, de São Paulo.

Na revista *Hierarchia* colaboram alguns dos futuros dirigentes e intelectuais integralistas, tais como Plínio Salgado<sup>(14)</sup>, San-

(10) O livro que simboliza a redescoberta de Alberto Torres pelos jovens intelectuais da época é o de Motta Filho, *Alberto Torres e o Tema de Nossa Geração*, publicado em 1931 e prefaciado por Plínio Salgado.

(11) Os livros de Oliveira Vianna que têm mais influência são: *O Ocaso do Império* (1926); *Idealismo da Constituição* (1930); *Populações Meridionais do Brasil* (1932).

(12) Os principais livros do autor são: *Ensaio Brasileiro* (1930); *O Brasil na Crise Atual* (1934) e *O Estado Autoritário e a Realidade Nacional* (1938).

(13) CERQUEIRA (Eli Diniz), SOARES LIMA (Maria Regina), "O Modelo Político de Oliveira Vianna", *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, 30 de janeiro de 1971, p. 87.

(14) No exemplar de março/abril 1932, no qual é publicado um retrato de Mussolini com dedicatória especial para a revista, encontra-se um artigo de Salgado, anterior ao lançamento da A.I.B., intitulado "Como eu vi a Itália". Refere-se ao contato direto entre o futuro chefe integralista e o *Duce*, quando da viagem do primeiro ao Oriente e à Europa em 1930. A admiração de Salgado pelo fascismo neste artigo é declarada: "O que estamos presenciando hoje é o espírito de Roma se levantando, com o seu eterno senso de equilíbrio e de simetria, a sua capacidade de totalização dos elementos individuais e sociais, de concepção do mundo sob um critério integral, onde não há atrofias nem amputações, onde não há choques nem tendências dissociativas. Roma, fascista, tão caluniada pelos demagogos ébrios de cocaína libertária, constitui atualmente a suprema garantia da liberdade", *Hierarchia*, março/abril de 1932, p. 203.

tiago Dantas, Hélio Vianna, Olbiano de Mello, Madeira de Freitas, Antônio Galotti, assim como monarquistas do movimento *patronovista* (Sebastião Pagano), líderes católicos (Tristão de Athayde, Sobral Pinto, Leonel Franca) e alguns homens políticos e historiadores que não pertenciam à extrema-direita (João Neves da Fontoura, Licínio Cardoso, Pandiá Calógeras, Barbosa Lima Sobrinho). O título da revista provavelmente copiado do órgão oficial do fascismo italiano, bem como o conteúdo da maioria dos artigos, não deixam dúvidas sobre sua orientação política<sup>(15)</sup>.

A *Revista de Estudos Jurídicos e Sociais*, dirigida por estudantes da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, exprime a inquietação ideológica de um grupo significativo da nova geração intelectual. O depoimento recente de um dos seus membros mais representativos permite definir a orientação do grupo: "Nós éramos um grupo de estudantes da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, considerado fascista pelo simples fato de sermos anti-comunistas, estarmos estudando problemas relacionados com o corporativismo e termos uma certa simpatia pelo fascismo italiano"<sup>(16)</sup>. A maioria dos colaboradores da revista pertencia, aliás, ao grupo de intelectuais do Rio com os quais Salgado estabeleceu contatos políticos após a Revolução de 30, procurando organizar um movimento para defender os ideais do manifesto que elaborara para a Legião Revolucionária de São Paulo<sup>(17)</sup>.

Em setembro de 1929, o Centro de Estudos Jurídicos constituiu uma comissão de alunos para realizar um inquérito sobre a sociologia brasileira, tendo como centro de interesse o "problema de formação da nacionalidade"<sup>(18)</sup>. A comissão, formada por Américo Lacombe, Presidente; Hélio Vianna, Secretário; Santiago Dantas, Relator, e Octávio de Faria, apresenta seu relatório em maio de 1931, criticando a Revolução de 30 e elogiando

(15) Por exemplo pode-se citar alguns títulos de artigos que confirmam esta observação: "O Ditador Supremo"; "Mussolini, e a Nova Itália"; "O Fascismo e o Estado Corporativo"; "A Itália Nova"; "A Crise do Fascismo"; "Democracia e Corporativismo"; "Hitler e o Fascismo Alemão"; "Década do Fascismo"; "O Estado na Concepção Fascista e na Doutrina Católica"; "O Problema da Nova Organização do Brasil"; "O Sindicato do Estado Fascista".

(16) Entrevista com Américo Lacombe, Rio, Junho de 1969.

(17) Thiers Martins Moreira, Américo Lacombe, Antonio Galotti, Hélio Vianna, Octávio de Faria, Santiago Dantas, Chermond de Miranda e Vinícius de Moraes.

(18) "Inquérito de Sociologia Brasileira", *Revista de Estudos Jurídicos e Sociais* 2(3), maio de 1931.

as novas tendências políticas autoritárias e nacionalistas: "A Revolução realizada por correntes heterogêneas e até mesmo antagônicas, sem uma forte ideologia, que lhe norteasse a atividade, sem amparo outro que o da força, sempre precário e passageiro, via-se frente a frente com uma realidade bem diversa da que se esperava, bem mais complexa e mais séria do que supunham os ingênuos pregadores liberais (...). Mas a Revolução se debate em vão, em face de seus próprios problemas. Seja pela ausência de fundamento ideológico forte, seja pela derrocada do princípio da autoridade (...). Felizmente, porém, já se esboça um movimento de reação, caracterizado pelas afirmações nacionalistas, pelo combate ao mimetismo pernicioso que já tanto tem desgraçado este pobre país, pelo desenvolvimento dos estudos brasileiros, por toda uma mentalidade nova, cheia de fé e entusiasmo" (19).

A terceira revista, *Política*, dirigida por Cândido Motta Filho (20), lança seu primeiro número em janeiro de 1932, em São Paulo. Sua linha política é menos identificada com as idéias fascistas do que a *Hierarchy*, embora não dissimule uma atitude antiliberal. O poeta Menotti del Picchia, antigo redator, juntamente com Salgado, do *Correio Paulistano*, órgão do Partido Republicano, desenvolve nos dois primeiros números, um estudo sobre "A Falência da Democracia Política", sustentando a tese de que "o mundo moderno assiste assombrado o *crack* coletivo do seu regime político alicerçado nas formas arcaicas do sufrágio universal. Faliu ruidosamente a democracia política" (21). Noutro artigo, o patronovista Sebastião Pagano, futuro membro da Sociedade de Estudos Políticos (S.E.P.), após longas considerações sobre as noções de Estado orgânico, nacional e hierárquico e do nacionalismo integral, garantia de paz, ordem, prosperidade", afirma que "o Estado fascista, apesar de alguns graves defeitos provenientes de sua concepção neo-hegeliana, é o que de melhor existe na atualidade" (22).

Octávio de Faria, enfim, analisando a vulgarização excessiva das idéias nacionalistas no Brasil, denuncia a superficialidade de

(19) *Ibid.*

(20) Cândido participa com Salgado da tentativa de renovação do Partido Republicano Paulista (P. R. P.), tendo sido um dos mais destacados membros da Sociedade de Estudos Políticos (S.E.P.).

(21) DEL PICCHIA (Menotti), "A Falência da Democracia Política", *Política*, I(1), 1932.

(22) PAGANO (Sebastião), "Do Conceito de Estado Integral", *Política* 1(3), 1932.

ses adeptos em nome de uma ortodoxia nacionalista maurrasiana. Citando a frase do mestre de que "le nationalisme est le grand fait du monde moderne", comenta a situação política pós-revolucionária, mostrando a defasagem entre os "movimentos europeus modernos" e a Revolução de 1930. Considera, com ironia, que "um dos erros mais sérios (...) da Revolução de outubro de 1930, foi o de ter chamado a atenção do *grande número*, da nossa massa, para os problemas políticos e sociais". Com efeito, "de repente (...) o Brasil acordou moderno. Todo o mundo quis ser alguma coisa. Todos quiseram ser extremados, *Salvar o Brasil* fosse como fosse com a foice ou com um litro de óleo de rícino". A consequência foi a "desmoralização incessante da idéia de nacionalismo" no sentido europeu (23).

## 2 — OS MOVIMENTOS POLÍTICOS AUTORITÁRIOS

A ascensão da direita na década de 1930 caracteriza-se também pela organização de vários movimentos de inspiração fascista: "Ação Social Brasileira (Partido Nacional Fascista); *Legião Cearense do Trabalho*; *Partido Nacional Sindicalista* e o movimento monarquista *Ação Imperial Patronovista*. Com exceção da Legião Cearense que teve uma penetração regional importante, estes movimentos são organizações reunindo um pequeno grupo de indivíduos e com audiência política restrita, cuja relevância é ter precedido e reforçado a convergência ideológica de direita. Nascidos à margem das forças revolucionárias no poder, eles são dirigidos por líderes civis ou militares, em geral hostis à Revolução de 1930, mas conscientes das novas perspectivas à ação política abertas pelo movimento revolucionário com a derrubada da Velha República.

O primeiro movimento é a Ação Social Brasileira, de J. Fabrino, que se propõe, sem êxito, a organizar um Partido Nacional Fascista. O programa define-o como "um partido político nacionalista que tem por fim pugnar pela realização de todas as medidas favoráveis ao fortalecimento moral, intelectual e material do Brasil (...). Para a A.S.B., que põe a Disciplina a serviço da Vontade, a Lei está acima do Homem, a Ordem acima da Lei, o Direito acima da Ordem e a Pátria acima de tudo.

(23) FARIA (Octávio de), "O Nacionalismo no Brasil", *Política*, 1(3), 1932.



A A.S.B. executará pela razão ou pela força todos os atos necessários à realização do seu triunfo" (24).

O programa do Partido divide-se em duas partes: a primeira, intitulada "Vontade", expõe as grandes linhas da sua plataforma política, onde aparecem as medidas de proteção à agricultura, ao desenvolvimento industrial, à educação mental e moral do povo, em favor da nacionalização dos diversos ramos da economia (pesca, marinha mercante, utensílios agrícolas e imprensa política), sem esquecer as medidas de "fortalecimento da raça" (25). O objetivo geral do movimento é a substituição do regime federativo, cuja força dissolvente dividiu o Brasil, por um todo homogêneo, organizado a partir da célula municipal a fim de restabelecer "a unidade nacional", dentro do sistema corporativo" (26).

A segunda parte do programa, cognominada de "Disciplina", estabelece o tipo de organização necessária à realização destes objetivos: "A A.S.B. é constituída de um chefe que indicará para seu Estado-Maior dez nomes. Cada membro do Estado-Maior organizará dez legiões; cada uma destas legiões se desdobrará em dez coortes; cada uma destas coortes, em dez centúrias,

(24) FABRINO (J.), *Programa da A.S.B.*, p. 1. Embora fora do contexto da convergência ideológica dos anos 30, a primeira manifestação de fascismo no Brasil "se dá prematuramente, em 1922, com a fundação da Legião do Cruzeiro do Sul, possivelmente imitação do movimento dos "Fascios e do episódio da Marcha sobre Roma", CARONE (Edgard), *A Segunda República*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973, 288 pp.

(25) Estas medidas são: Educação Física e interdição de entrada no país de imigrantes tendo menos de "1,60 para homens" e "1,50 para mulheres", FABRINO (J.), *Documento Citado*, p. 3.

(26) FABRINO (J.), *Documento citado*, p. 1. Na mesma época FABRINO fundava o "Partido Nacional Fascista", em Minas Gerais, em fevereiro de 1931, seria lançado o manifesto de um novo partido de inspiração fascista — *A Legião 3 de Outubro* — subscrito por Francisco Campos, Gustavo Capanema e Amaro Lanari. No Rio, outro grupo propõe-se a criar em novembro de 1930 o "Partido Fascista Brasileiro", que, pretendendo apoiar o movimento revolucionário de 30 no poder, adota o fascismo italiano como modelo: "cumpre aos bons combater os maus. Entre os primeiros encontram-se os que desejam ver o Brasil grande, próspero, em harmonia com os ideais traçados pela revolução iniciada em 3 de outubro. Entre os maus vêem-se os elementos do comunismo, obtuso, grosseiro, impraticável e derrocador das belezas da civilização, os politiqueros profissionais, os parasitas sociais, os incapazes de toda a espécie moral e espiritual (...). Contudo, fácil é combatê-los, destruí-los, aniquilá-los bastando praticar o exemplo da nova Itália de Mussolini, um dos florões mais novos e mais belos da civilização através dos séculos". CARONE (Edgard), *A Segunda República*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973, pp. 288-289.

compostas, cada uma, de dez patrícios. Os chefes das Legiões, coortes, centúrias, decúrias, serão indicados pelos respectivos organizadores. O chefe da A.S.B. é soberano. Poderá "suspender, licenciar, eliminar qualquer dos membros acima citados", assim como "vetar decisão dos seus subordinados".

Os militantes usarão um uniforme que "constará de camisa azul celeste, com o Cruzeiro do Sul todo em branco sobre o coração, gravata azul-marinho, calças cáqui, meias e sapatos pretos, e, quando o clima o exigir, chapéu "escoteiro", com 8 cm de aba".

O programa termina por um ato do chefe do Partido impondo sua vontade absoluta e definindo o caráter autoritário do movimento: "Como chefe da A.S.B., investido do mandato que emana não só da minha própria decisão, como da natureza e essência desta iniciativa, elaborei este plano de ação, para cuja defesa me invisto de plenos e ilimitados poderes" (27).

O segundo movimento é a Legião Cearense do Trabalho, o mais expressivo dos que antecedem a Ação Integralista, contando com a adesão de amplas camadas populares no Estado do Ceará. Seu chefe, Severino Sombra, é um jovem militar de formação católica e inspiração jacksoniana que se recusa, em nome de sua formação antiliberal, a participar na Revolução de 30, sendo preso em consequência. "Fui transferido em 1930, para o Rio Grande do Sul, para servir no 8.º Regimento de Infantaria, em Passo Fundo. Aí é que me apanhou a Revolução de 30. Dentro das idéias antiliberais de Jackson de Figueiredo, eu achava que o liberalismo havia sido condenado pela Syllabus, considerando-o um dos venenos da sociedade moderna (...). Então, como a Revolução de 30 era uma revolução liberal-democrática, eu, dentro das convicções minhas daquela época, combati a Revolução" (28).

Sombra explica também as condições que deram origem à Legião: "Voltei ao Ceará. Achei que a Revolução de 30 criara uma perspectiva nova, mas indefinida. A Revolução falava muito em ideologia revolucionária, mas esta ideologia não era definida. Era sentimento de endireitar, de melhorar o Brasil, um

(27) A seguir são indicados os nomes dos dirigentes da A.S.B.: "Indico para membros do Estado-Maior, os senhores Assis Memória, Benjamin Lima, Bezerra de Freitas, Carlos Crisci, Carlos Maul, Diniz Júnior, Frederico Villar, José Vieira, Júlio Barata e Luiz Morais. — (a). J. Fabrino, in FABRINO (J.), *Doc. citado*, p. 3.

(28) Entrevista com Severino Sombra, Rio, julho de 1970.

vago sentimento nacionalista, um vago sentimento de idéias sociais, tudo isso indefinido, impreciso, naquele alvoroço revolucionário. Então, eu achei que era chegado o momento de definir uma ideologia, uma doutrina, uma posição, principalmente diante da situação social abalada no mundo inteiro, surgida depois da guerra". (29).

Descreve, em seguida, em testemunho recente, sua estratégia para implantar no meio popular o movimento: "Comecei este movimento em 1931; iniciei com visitas às sociedades operárias. Naquele tempo, não havia sindicatos e o que existia eram sociedades beneficentes (...). Eu comecei a visitar uma por uma destas sociedades." Apesar das dificuldades provocadas pela ação do Bloco Operário Camponês, pensa que seu sucesso deve-se ao fato de que "na época, era um bom orador, sabia empolgar, sabia falar e entusiasmava realmente, levado principalmente pela minha convicção" (30).

O tenente Sombra, acompanhado de alguns líderes operários, estabelece os primeiros contatos com as organizações de trabalhadores nos primeiros dias de julho de 1931: "Visitei a União dos Trabalhadores Ambulantes, o Centro Artístico Cearense e a Sociedade Beneficente 24 de Junho, levando a idéia da organização da Legião Cearense do Trabalho, em face do problema operário. Acolhido com entusiasmo nessas associações, reiniciei domingo, dia 12, a pregação da idéia nova, visitando o Sindicato dos Trabalhadores do Porto, União Marítima Beneficente, o Círculo Operário São José, a Sociedade Beneficente 1.º de Maio, a União Popular Cristo Rei e a Sociedade Deus e o Mar, em todos obtendo o melhor êxito (...). No dia 15, a Juventude Operária Cristã, organizada pelo padre Helder Câmara e que vinha de filiar-se à Legião, efetua uma grande parada, desfilando diante da bandeira legionária (31). A Legião, por ocasião do seu lançamento público em 23 de agosto de 1931, dispunha de um efetivo de 9.000 legionários, expandindo-se posteriormente para 15.000, quando começa a penetrar em cidades do interior do Estado (32). De acordo com dados fornecidos por seu chefe, associam-se à Legião cerca de uma centena de organizações operárias e outras associações similares. O que se pode afirmar, a partir de

(29) *Ibid.*

(30) *Ibid.*

(31) SOMBRA (Severino), *O Ideal Legionário*, Ceará, Tipografia Gadelha, 1931, p. 30.

(32) *Ibid.*

documentos confirmando a força da Legião, é que, alguns meses após sua fundação, havia uma lista nominal de quarenta associações inscritas em suas fileiras (33).

A organização da Legião prevê um Chefe, um Secretário-auxiliar do Chefe e um Conselho composto de dois representantes de cada sociedade confederada. A escolha do chefe é feita pelo Conselho Legionário, com um mandato limitado, estando previsto um mecanismo parlamentar para destituí-lo (34). As organizações confederadas eram submetidas a disposições restritivas, devendo obrigatoriamente "acatar os avisos, as instruções e circulares do chefe, os decretos e resoluções do Conselho e as decisões do Tribunal Legionário. A sociedade confederada não poderá entrar diretamente em relação com pessoas e organizações estranhas à Legião sobre assuntos políticos, sociais e de interesse do operariado" (35).

Ainda que a Legião não tenha tido uma organização tão rígida como a da Ação Social Brasileira, seus militantes usavam também um uniforme: calças brancas e blusão de operário em algodão colorido. Na manga esquerda ostentavam uma insígnia representando o braço de um trabalhador empunhando a balança da justiça. A saudação habitual era a resposta coletiva "Pronto!", feita ao Chefe no início de suas aloquções.

A Legião define-se em seu programa, como "uma organização de associações populares e de classe, do Estado do Ceará, com finalidade econômica, política e social" (36). A finalidade econômica é a de defender o trabalho que não pode "ser considerado uma simples mercadoria sujeita à lei da oferta e da procura". A Legião propõe a implantação do "contrato coletivo, em que sejam fixados o salário vital, as horas de trabalho, o repouso dominical, o limite de trabalho de menores e mulheres, o regime de conciliação e arbitragem" (37); institui também para seus mem-

(33) *Ibid.*, p. 48.

(34) "O Chefe da Legião será aclamado pelo Conselho e dirigirá a Legião durante 3 anos, podendo ter renovado o mandato. Um parágrafo prevê que "semestralmente o Conselho votará uma moção de confiança ao chefe. Rejeitada a moção, o Chefe é obrigado a resignar ao cargo *Ibid.*, p. 47.

(35) *Ibid.*

(36) *Ibid.*

(37) A influência da "Carta del Lavoro" italiana é evidente. Neste domínio a Legião é um movimento precursor da legislação trabalhista no Brasil.

bros um tribunal trabalhista, cuja função é de resolver os conflitos entre patrões e operários: presidido por um legionário de formação jurídica, as decisões são tomadas por um júri composto de trabalhadores mais experientes. Sua finalidade *política* consiste na “integração das classes trabalhadores organizadas, dentro da vida política e social do país” (38). A Legião desconfia dos partidos políticos e se propõe a organizar os trabalhadores para obter a representação profissional. A finalidade *social* reside na luta em favor de “uma ordem social (...) em torno de um verdadeiro humanismo, subordinados os seus valores aos valores morais (...)”. A Legião trabalhará pelo advento de uma economia distributiva e de um regime corporativo...” (39).

No discurso de instalação do movimento, o tenente Sombra precisa os objetivos da Legião: “A Legião organiza o operariado para que, protegido, educado e coeso, ele se torne um colaborador honesto e consciente das outras classes” (40). Estando assim definido o princípio da colaboração entre as classes, o objetivo político é alcançar o ideal medieval da sociedade corporativa apoiando-se sobre os grupos profissionais. “O sindicato, a associação profissional, são círculos naturais de expansão da personalidade humana” (41) e “só o Estado pode conseguir em termos justos a associação funcional do trabalho, capital e direção técnica”. A Legião rejeita, em consequência, a organização “político-social moderna, minada pelo individualismo” e luta “pela volta ao regime corporativo, esboçado na Idade Média, em que as três forças (econômica, política e espiritual), equilibravam uma harmonia profunda” (42).

O conjunto destes documentos revela, pois, que a Legião propõe um programa combinando aspectos da doutrina social católica tradicional (43) com elementos de inspiração fascista.

Dois testemunhos importantes confirmam esta interpretação. O primeiro é um artigo de 1931, escrito por Alceu Amoroso Lima, salientando o valor da experiência da Legião: “A energia indomável de um jovem militar está, neste momento, realizando no Ceará uma das obras sociais mais fecundas que jamais se

(38) SOMBRA (Severino), *op. cit.*, p. 45-46.

(39) *Ibid.*

(40) *Ibid.*, p. 7.

(41) *Ibid.*, p. 17.

(42) *Ibid.*, p. 11.

(43) Os dois textos pontifícios que tiveram mais influência foram a “Syllabus” e a encíclica “Rerum Novarum”.

levaram a termo no Brasil.” O autor mostra, sobretudo, o aspecto cristão do movimento: o objetivo da Legião é de “congraciar as classes proletárias em um organismo natural e harmônico, fiel às características da nossa terra e da nossa gente...”. O que a Legião “está fazendo é (...) dar uma solução racional e cristã ao problema social”. Conclui identificando-se com esta ação pioneira: “E esse espiritualismo sociológico é que visa a grande obra do Tenente Sombra, no Ceará, realização prática dos princípios sociais que animam a revolução integral que almejamos” (44).

O segundo testemunho é do tenente Jeovah Motta (45). Convertido pelo padre Helder Câmara e Severino Sombra (“Eu estava numa posição católica neutra. Eles me transformaram num católico desejoso de uma reforma no catolicismo”), declara que a principal preocupação da legião era a de “levar a religião, cristianizar a classe operária”. Não nega, igualmente, a natureza ideológica de sua opção na época: “estes tenentes insatisfeitos com a Revolução de 30 e ainda numa fase de muitas inquietação, começaram a se perguntar: se a Revolução fracassou, o que vamos fazer? (...). As livrarias do Brasil, naquele tempo, tinham uns balcões só com livros fascistas e outros só com livros de esquerda. Muitos tenentes foram para a esquerda, muitos à direita e outros ficaram em torno de Getúlio (...). Agora eu, estando em Fortaleza, fui para o fascismo...” (46).

O terceiro movimento é o Partido Nacional Sindicalista, idealizado pelo jornalista mineiro Olbiano de Mello (47). Paradoxalmente, embora seu projeto tenha ficado praticamente no papel, seus planos de organização de um movimento político eram mais elaborados que os dos precedentes. Mello, como Salgado, é originário de uma pequena cidade do interior, tendo ambos militado nas fileiras dos Partidos Republicanos dos seus respectivos Estados (48).

(44) AMOROSO LIMA (Alceu), “Legião do Trabalho”, *A Razão*, 29 de outubro de 1931.

(45) Jeovah Motta tornar-se-á chefe da Legião, em 1932, quando Sombra, acusado de haver apoiado a Revolução Constitucionalista, foi exilado por Vargas em Portugal.

(46) Entrevista com Jeovah Motta, Rio, julho de 1970.

(47) Olbiano de Mello que será um dos integralistas mais influentes, morava na pequena cidade mineira de Teófilo Otoni, no Nordeste do Estado de Minas Gerais.

(48) “Escrevi uma carta ao Sr. Alfredo Sá (...) rompendo com o Partido Republicano Mineiro, de cuja Comissão Executiva local eu era membro”, in MELLO (Olbiano de), *A Marcha da Revolução Social no Brasil*, Rio, Edições O Cruzeiro, 1957, p. 29.

Olbiano, num dos seus livros, conta como despertou para os problemas sociais e econômicos, quando em 1925, "um dia, acaso feliz, caíram-me nas mãos umas idéias vagas contidas em um folheto de propaganda sobre o corporativismo" (49). Seus estudos sobre corporativismo o conduzem à descoberta do sindicalismo entre 1927 e 1928: "triunfava então, em todo seu esplendor, na Península Itálica, o sindicalismo nacionalista transformado em Fascismo por Mussolini" (50) e sensibiliza-se, sobretudo, com a advertência do Duce, segundo o qual, "ou as nações resolvem integrar em seu organismo social o sindicalismo profissional ou cairão sob os assaltos do sindicalismo revolucionário" (51).

A atitude de Olbiano de Mello frente à Revolução de 1930 é semelhante a de Salgado e Sombra. A seu juízo a Revolução foi "um movimento armado desencadeado entre políticos sob os aplausos ingênuos do povo brasileiro (...). Revolução sem programa ideológico, sem fim determinado, preparada minuciosamente dentro das chocadeiras políticas" (52). Reconhece, entretanto, que o movimento vitorioso em 1930, buscando sua origem no clima político das insurreições dos anos 20, é irreversível porque "agora o seu processo não é mais cingido a razões meramente políticas. Novos fatores entraram em ação, transformando e arrastando o espírito revolucionário para uma segunda etapa sociológica" (53).

Esta interpretação da Revolução de 1930 fundamenta-se em sua concepção da revolução em geral. Olbiano distingue as revoluções políticas das revoluções sociais, as quais em lugar de impor "uma ditadura política exercida por políticos", são "determinadas por uma necessidade de aperfeiçoamento interno de cada indivíduo". A verdadeira revolução se processa conscientemente no espírito, gerando um "novo equilíbrio", quando "de suas entranhas surja um novo espírito nacional, rompido com o passado, integralmente impregnado de todas as peças que constituírem o novo "Estado" (54).

(49) MELLO (Olbiano de), *República Sindicalista dos Estados Unidos do Brasil*, Rio, Tipografia Terra do Sol, 1931, p. 29.

(50) *Ibid.*

(51) *Ibid.*

(52) MELLO (Olbiano de), *Levanta-te Brasil!*, Rio, Tipografia Terra do Sol, 1931, pp. 23-24.

(53) *Ibid.*, p. 22.

(54) *Ibid.*, p. 23.

Olbiano de Mello não hesita também em reconhecer que optou pelo fascismo. Sua evolução ideológica, partindo da análise de que a Revolução de 30 é "uma etapa da revolução social no mundo" (55), realiza-se numa atmosfera impregnada de fascismo: "Eu, no sertão mineiro, fixava-me no fascismo, convencendo-me que a implantação do sistema no Brasil resolveria a questão social entre nós" (56).

Sua reflexão político-ideológica leva-o a produzir três ensaios expondo suas idéias sobre as bases doutrinárias e a organização de um novo partido político. O primeiro, publicado em março de 1931, estabelece os fundamentos da *República Sindicalista dos Estados Unidos do Brasil* e antecede às obras doutrinárias de Salgado e de Sombra. Olbiano proclama, sem falsa modéstia, em livro posterior, que foi "de todos os escritores, brasileiros como estrangeiros, o único que esquematizou, traçando por todos os órgãos governamentais, as nervuras mestras do Estado corporativo, pleiteado pelo fascismo". O segundo, escrito em setembro do mesmo ano, propõe e discute o dilema ideológico da época: *Comunismo ou Fascismo?* Enfim, o último, divulgado em março de 1932, sob o título de *Levanta-te Brasil!*, volta-se para a ação política: é um "manifesto dirigido ao povo brasileiro no sentido de sua arregimentação por meio de todas as suas classes profissionais em um partido político: o Partido Nacional Sindicalista" (57). Assim, pode-se constatar que, embora Olbiano de Mello tenha sido o precursor no plano da elaboração ideológica, a Legião foi a pioneira no plano da ação política.

O autor, proclamando inspirar-se na tradição socialista, declara "a falência da Democracia, a agonia lenta da Burguesia, o descrédito indistigável do liberalismo a par do esplendor nascente (...) do grupalismo para o seio do qual correm, nos dias que passam conscientemente ou não, as multidões sofredoras" (58). Olbiano pretende lançar os fundamentos de uma "república sindicalista", com abolição do sufrágio universal substituído pelo voto profissional (59). Cada municipalidade elegeria seu Conselho Municipal e os Conselheiros escolheriam o Prefeito e o Pre-

(55) MELLO (Olbiano de), *A Marcha da Revolução Social no Brasil*, *op. cit.*, p. 41.

(56) *Ibid.*, p. 24.

(57) MELLO (Olbiano de), *A Quarta Força ou Bases Fundamentais para a Reconstrução do Mundo*, São Paulo, Editora Cupolo, 1935, p. 14.

(58) MELLO (Olbiano de), *Levanta-te Brasil!*, *op. cit.*, p. 7.

(59) MELLO (Olbiano de), *A Marcha da Revolução Social no Brasil*, *op. cit.*, p. 37.

feito-adjunto; o Conselho Corporativo Provincial seria constituído de presidentes e de secretários de federações de cada sindicato de todas as municipalidades do Estado; a Câmara Legislativa sindical seria composta de tantos deputados quantos os distritos eleitorais em cada Estado, e o Executivo seria escolhido pelos prefeitos dos municípios. No nível federal, formar-se-ia o Grande Conselho Corporativo Nacional, constituído pelos presidentes e secretários das confederações sindicais, a Câmara Nacional Corporativa e o Executivo Nacional.

As analogias entre a República sindicalista e a organização do Estado fascista são reconhecidas pelo próprio autor, que a considera "uma forma de fascismo". Olbiano, porém, procura argumentar que a República sindicalista não será uma ditadura como na Itália fascista, porque haverá eleições em todos os níveis. Esta distinção parece não ser essencial. Noutra passagem ele se declara favorável a "uma ditadura orgânica, ou seja, ideológica que, como meio levasse o povo a um fim previamente programado. Nunca, porém, a uma ditadura caudilhesca sem rumo e sem justificativa" (60).

O segundo ensaio de Olbiano, *Comunismo ou Fascismo?*, é um estudo comparativo entre "o sindicalismo-coletivista internacional (Bolchevismo) e o sindicalismo totalitário nacional (Fascismo)" (61), onde o autor termina exaltando o papel de Mussolini: "Do entrechoque (...) que correu pela espinha mestra do edifício social europeu com as idéias pregadas pela Terceira Internacional, no meio da confusão reinante, um homem (...) levantou-se (...) na península (...). Este homem foi Benito Mussolini (...) em cujo nacionalismo intransigente viam se quebrar as ondas revoltas e violentas dos maximalismo" (62). Sua admiração não se limita somente ao homem, mas estende-se à idéia fascista: "Roma com o Fascio limitou-se até há pouco — a se defender da invasão dissolvente de outras doutrinas (...). Mas a idéia boa não tem pátria; o espírito é universal, bem como o disse o criador do fascismo (...). Daí a "universalidade, hoje, dos princípios fascistas" (63).

(60) MELLO (Olbiano de), *Levanta-te Brasil! op. cit.*, p. 6.

(61) MELLO (Olbiano de), *Comunismo ou Fascismo?* Rio, Tipografia Terra do Sol, 1931, p. 143.

(62) *Ibid.*, p. 144.

(63) Foi um "hibridismo democrático socialista, diz ele, que arrastou a Alemanha à situação atual, da qual, felizmente, parece, será libertada em pouco pelo Partido Socialista Nacional de Hitler", in MELLO (Olbiano de), *Levanta-te Brasil! op. cit.*, p. 28.

O programa e a organização do Partido Nacional Sindicalista constituem o tema de seu terceiro ensaio: "*Levanta-te Brasil!*" Ele o define como uma organização contra o bolchevismo, os partidos políticos e a social-democracia (64). Este movimento deve ser um instrumento de "força e de ação" e que levará "em seu bojo e em sua essência a característica aristocrática de uma genuína revolução social..." (65). O programa propõe "a implantação no Brasil do Estado Sindical Corporativo Nacionalista com abolição integral do sistema eleitoral baseado no sufrágio universal e sua substituição pelo de representação por classes profissionais; respeito à propriedade e iniciativa privadas que deverão ser defendidas e acatadas pelo Estado; a defesa da idéia de Família, Pátria e Deus; a sindicalização de todas as classes profissionais (66); o regime federativo unitário em forma de um Estado Sindical Corporativo Nacionalista e um sistema eleitoral com sufrágio restrito a cada classe profissional (67) com três poderes: judiciário, legislativo e executivo, independentes e harmônicos entre si" (68).

A estrutura do partido é prevista em todos os detalhes, desde os órgãos de direção até os rituais, o uniforme, a bandeira e o hino sindicalista. A base da organização é constituída por um "centro nacional sindicalista" na capital do país e por "centros regionais" dirigidos por um "comitê executivo", formado pelo Presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, propagandistas e aderentes. Embora nenhuma referência explícita seja feita à expressão chefe", a estrutura hierárquica do Partido Nacional Sindicalista é semelhante à da Ação Social Brasileira: "dez sindicalistas formarão um grupo; dez grupos, uma coluna; dez colunas, uma coorte e dez coortes, um corpo" (69).

A adesão ao Partido Nacional Sindicalista é aberta a todos os brasileiros maiores de 21 anos, sem distinção de sexo, mas os

(64) *Ibid.*, p. 29.

(65) Reconhecida pela nova constituição política "cada classe profissional deverá econômica e socialmente ser agrupada em sindicato — fora do organismo geral do Estado, porém sob as vistas imediatas do Ministério das Corporações". O autor preconiza a criação de 30 organizações profissionais de empregadores e empregados, representando os principais ramos da economia, *Ibid.*, p. 30.

(66) A condição para se tornar eleitor é de pertencer a um sindicato ou corporação.

(67) MELLO (Olbiano de), *Comunismo ou Fascismo? op. cit.*, pp. 30-31.

(68) *Ibid.*, p. 39.

(69) MELLO (Olbiano de), *Levanta-te Brasil! op. cit.*, p. 31.

menores de 17 anos "podê-lo-ão fazer com consentimento expresso dos pais ou tutores" (70). O uniforme obrigatório para os militantes, compõe-se de "camisa, colarinho, gravata, casquete azul-marinho, calças e coturnos pretos — com um emblema na camisa, lado esquerdo, em fundo amarelo, formado por duas mãos apertadas em cumprimento e encimadas por uma esfera de cores azul e preto, com tantas estrelas brancas quantos Estados e Territórios possui o Brasil (...). A entrega do emblema do Partido ao seu membro ingressante será feita solenemente, em seu centro ou subcentro, diante das bandeiras nacional e sindicalista — devidamente perfiladas de acordo com o ritual que for adotado e com o seguinte juramento: Pela Família, Pela Pátria, Por Deus (71).

Enfim, o último aspecto da organização do Partido, e que o distingue dos dois outros movimentos, é a referência explícita à organização da "Milícia Sindicalista Nacional, nos moldes da fascista italiana ou nacional-socialista alemã (hitlerista) — formada por todos os filiados ao Partido, abrangendo todos os indivíduos de 17 a 40 anos" (72). O texto prevê que, após a implantação do Estado Sindicalista, as milícias transformar-se-ão oficialmente na segunda reserva nacional.

O último movimento é a Ação Imperial Patrionovista Brasileira, organização neomonarquista católica e corporativista (73). Foi fundado em 1928, com a finalidade de restaurar a monarquia tradicional, isto é, um regime que deve se apoiar sobre o Rei, a Igreja Católica e as corporações medievais: "Sem religião católica e sem rei não pode haver corporativismo" (74). O patrionovismo rejeita o império brasileiro, que, influenciado pelo liberalismo, aboliu na constituição as corporações de ofício, seus juízes, escrivães e mestres" (75).

O programa patrionovista coloca em primeiro plano seu credo: restauração do privilégio do "catolicismo" e "religião obri-

(70) *Ibid.*, pp. 40-41.

(71) *Ibid.*, p. 35.

(72) Grande parte de seus membros irá integrar-se à Sociedade de Estudos Políticos (S. E. P.), que dará origem à Ação Integralista. Os membros mais representativos são: Sebastião Pagano, Arlindo Veiga dos Santos, Paim Vieira, João Fairbanks e Ataliba Nogueira.

(73) PAIM VIEIRA, *Organização Profissional, "Organização Profissional, Corporativismo e Representação de Classes" e Representação de Classes*, São Paulo, Revista dos Tribunais, 1933, p. 257.

(74) *Ibid.*, p. 250, artigo 179, parágrafo XXV da Constituição do Império (1824).

(75) *Ibid.*, pp. 254 a 255.

gatória nas escolas públicas, nos quartéis, institutos hospitalares e correccionais, etc.". Em seguida, desenvolve tese sobre a "Monarquia" associadas à restauração de um "imperador responsável que reine e governe, escolhendo livremente os seus ministros" e a organização do Estado imperial sobre a "base municipal sindicalista". Os patrionovistas lutam pela implantação do corporativismo alicerçado "numa organização sindical das classes profissionais, de produção espiritual e econômica (...), como base da verdadeira representação nacional". Por fim, defendem uma política internacional "nacionalista, altiva e cristã" (76).

Um dos líderes do grupo monarquista, Sebastião Pagano, num artigo publicado em 1932, sob o título "Do Conceito de Estado Integral", define a posição dos patrionovistas com relação ao Estado: "Se o Estado deve integralmente satisfazer essa necessidade, essa finalidade social humana, um Estado perfeitamente aparelhado chama-se Estado Integralista, por oposição ao Estado que, por defeito de organização, deixa de integralmente atender às necessidades do homem em sociedade na tendência por seu legítimo fim". Caracteriza o Estado Integral, como sendo um "conjunto orgânico, nacional, hierarquizado e harmônico (...), onde o conceito de liberdade é profundamente humano, hierárquico e paternal, atendendo à sociabilidade do homem, a sua finalidade última e ao bem comum geral" (77).

A organização corporativa do Estado é minuciosamente descrita pelo patrionovista Paim Vieira no âmbito de uma "monarquia orgânica e integral" (78). Exalta os méritos das corporações medievais nas quais a perfeição moral era indispensável à "ascendência moral e profissional (...), o trabalho era uma honra", "a religião o esteio em que repousa toda essa portentosa estrutura econômico-político-social". Para fazer face à anarquia do trabalho provocada pelo regime liberal, o autor sugere a solução corporativa cristã: "a organização corporativa, por si só, não realiza a harmonia das classes. Ela é simplesmente o instrumento de que o espírito cristão é a energia. Não há corporativismo leigo. Sem Deus não há harmonia, não há disciplina, porque não há autoridade. Sindicalismo sem Deus é absurdo" (79).

(76) PAGANO (Sebastião), "Do Conceito de Estado Integral", *Política*, (1(3), 1932.

(77) PAIM VIEIRA, *op. cit.*, p. 205.

(78) *Ibid.*, pp. 40-58.

(79) *Ibid.*, p. 158.

Recente estudo sobre as idéias religiosas no Brasil, de Oliveira Torres, confirma a hipótese da convergência ideológica entre certos movimentos dos anos 30 e o Integralismo: "Se os patrimonistas não conseguiram grandes resultados na difusão de seu programa, com mais de uma idéia viável e digna de estudo, logo apareceu quem levasse avante os ideais de corporativismo e representação de classes: o Integralismo. Mais objetivo e politicamente mais de acordo com as modas do tempo (...), o movimento do Sr. Plínio Salgado esteve a pique de empolgar o poder e passar para o papel das leis um esquema corporativista, mais ou menos dentro das sugestões dos patrimonistas" (80).

### 3 — A FUNDAÇÃO DA AÇÃO INTEGRALISTA

Todos esses fatores esparsos integram-se graças à ação jornalística de Salgado em *A Razão* e à organização da Sociedade de Estudos Políticos. O jornal é o instrumento de difusão de suas idéias e a S.E.P., o centro de reflexão ideológica de onde vai nascer o manifesto integralista de 1932 e a Ação Integralista Brasileira (A.I.B.).

O próprio Salgado reconhece o papel instrumental do jornal. Através dele os artigos chamam a atenção dos intelectuais e dos dirigentes dos movimentos que rejeitavam o retorno ao liberalismo da Constituição de 1891. "Em 1931, surgiu em São Paulo um jornal que se tornou, dentro em breve, o instrumento aglutinador de brasileiros orientados por um pensamento cristão e nacionalista (...). Dentro em pouco, estava registrada num fichário, apreciável corrente de homens ligados por algumas idéias fundamentais" (81).

A primeira reunião para a formação da Sociedade de Estudos Políticos realiza-se em 24 de fevereiro de 1932, por iniciativa de Salgado em São Paulo, na sede do jornal *A Razão*. Nesta reunião participa um grupo de jovens intelectuais: Cândido Motta Filho, Ataliba Nogueira, Mário Graciotti, João Leães Sobrinho, Fernando Callage e vários estudantes da Faculdade de Direito.

(80) OLIVEIRA TORRES (João Camilo de), *História das Idéias Religiosas no Brasil*, op. cit., p. 195.

(81) SALGADO (Plínio), *O Integralismo na Vida Brasileira*, op. cit., pp. 15 e 16.

O testemunho de Cândido Motta Filho, um dos líderes intelectuais do grupo paulista, permite reconstruir o clima intelectual que precede à criação da S.E.P.: "Em São Paulo, os jovens procuravam concentrar-se em torno de uma idéia superior, que pudesse guiar a vida política diante do impasse em que se encontrava a Revolução de 30 naquele jogo entre tenentes e o Presidente da República. E a revolução parecia que ia se esvaziar nisto tudo. A nossa preocupação era fundarmos um centro de estudo que pudesse investigar e extrair desta investigação, um sistema qualquer que nos orientasse na vida política (...). A finalidade da sociedade era apenas estudar, investigar e ver qual era o caminho que se podia traçar para o Brasil novo que ia surgindo da Revolução de 30. Nós faríamos a propaganda destas idéias, nós seríamos os veículos destas idéias que talvez contribuíssem para a formação de partidos, de correntes de opiniões" (82).

A assembléia de fundação da S.E.P. teve lugar em 12 de março, sob a presidência de Salgado. Em seu discurso ele define o papel da associação: "Senhores, por toda a parte ouço a palavra revolução; de todos os lados nos chegam os ecos de ingentes reclamos que, em meio à confusão dominante no país desde outubro de 1930, apelam para o "espírito revolucionário". Na verdade, tudo indica que o Brasil quer renovar-se, quer tomar posse de si mesmo, quer marchar resolutamente na História. Clama-se pela justiça social e por mais humana distribuição dos bens; exige-se do Estado que intervenha, com poderes mais amplos, tendentes a moderar os excessos do individualismo e a atender os interesses da coletividade. Neste momento, congrego-vos para estudarmos os problemas nacionais e traçarmos em consequência destes estudos os rumos definitivos de uma política salvadora" (83).

Completando sua alocução, Salgado apresenta os princípios fundamentais da S.E.P. que serão aprovados pelos participantes da sessão. Estes princípios, que devem servir de contexto ideológico aos debates políticos (cujo conteúdo é aliás muito próximo do Manifesto Integralista de 1932), são os seguintes: "a — Somos pela unidade da Nação; b — Somos pela expressão de todas as suas forças produtoras no Estado; c — Somos pela implantação do princípio de autoridade, desde que ele traduza forças reais

(82) Entrevista com Cândido Motta Filho. São Paulo, junho de 1970.

(83) SALGADO (Plínio). *O Integralismo na Vida Brasileira*, op. cit., p. 144.

e diretas dos agentes da produção material, intelectual e da expressão moral do nosso povo; d — Somos pela consulta das tradições históricas e das circunstâncias geográficas, climáticas e econômicas que distinguem nosso país; e — Somos por um programa de coordenação de todas as classes produtoras; f — Somos por um ideal de justiça humana, que realize o máximo de aproveitamento dos meios de produção, em benefício de todos, sem atentar contra o princípio da propriedade, ameaçado tanto pelo socialismo, como pelo democratismo, nas expansões que aquele dá à coletividade e este ao indivíduo; g — Somos contrários a toda a tirania exercida pelo Estado contra o indivíduo e as suas projeções morais; somos contra a tirania dos indivíduos contra a ação do Estado e os superiores interesses da Nação; h — Somos contrários a todas as doutrinas que pretendem criar privilégios de raças, de classes, de indivíduos, grupos financeiros ou partidários, mantenedores de oligarquias econômicas ou políticas; i — Somos pela afirmação do pensamento político brasileiro baseado nas realidades da terra, nas circunstâncias do mundo contemporâneo, nas superiores finalidades do homem e no aproveitamento das conquistas científicas e técnicas do nosso século” (84).

A partir desse momento, iniciam-se as atividades da S.E.P. sob a coordenação de um órgão coletivo (Grupo de Centralização) do qual fazem parte Ataliba Nogueira, Mário Graciotti, Alpinolo Lopes Casali e José de Almeida Camargo. A S.E.P. organiza-se internamente em várias comissões de estudos: economia pedagógica, constitucional e jurídica, higiene e medicina social, geografia e comunicações, história e sociologia, religião, política internacional, educação física, arte e literatura e agricultura (85).

As reuniões gerais de discussão são feitas periodicamente, na sala de Armas do Clube Português de São Paulo. Por sob

(84) Obra Coletiva, *Plínio Salgado, op. cit.*, p. 35.

(85) Os participantes dos diversos Setores da S.E.P. são: *Propaganda*: Arlindo Veiga dos Santos, Fernando Callage, Leães Sobrinho, Bastos Barreto; *Economia*: Mario Zaroni, Victorino Fasano, Bernardo Lichtenfelds, José Maria Machado, José de Toledo; *Pedagogia*: Ataliba Nogueira, Motta Filho, Gastão Strang, Sebastião Pagano, Joaquim Penino; *Constitucional e Jurídico*: João de Oliveira Filho, Ataliba Nogueira, Câmara Leal, Aureo de Almeida Camargo; *Higiene e Medicina Social*: Humberto Pascale, Mário Graciotti, José de Almeida Camargo, Waldemar Rocha, Durval Marcondes; *Geografia e Comunicações*: Américo Neto, Iracy Igaira, Eduardo Rossi; *História e Sociologia*: Motta Filho,

um fundo ideológico antiliberal e nacionalista definem-se clivagens políticas e doutrinárias entre os membros da S.E.P. Duas tendências principais se esboçam em seu seio. A tendência majoritária aglutina-se em torno de Salgado reunindo um grupo de estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo do qual fazem parte Alfredo Buzaid, Rui Arruda, Roland Corbisier, Almeida Sales e Ângelo Simões Arruda. Este grupo tende a considerar os estudos e os debates na S.E.P. como uma atividade instrumental a serviço da ação: e manifesta uma grande angústia política, conforme testemunha Motta Filho, identifica-se com uma tendência mais diletante: “A do Plínio, que era a maioria, constituía-se de um grupo que diante dos movimentos que se processavam na Europa (Salgado havia pessoalmente falado com Mussolini), olham com entusiasmo a juventude italiana” (86). A segunda tendência, representada pelos monarquistas do movimento “Patrionovista”, embora possuam idéias comuns com o primeiro grupo, são partidários de um regime fundado sobre a realeza e o catolicismo. A ausência de uma definição clara da S.E.P. sobre estes dois elementos fundamentais da concepção monárquica tradicional afastará os “patrionovistas” da S.E.P. e, mais tarde, da A.B.I. (87).

Cabe mencionar, finalmente, o caso quase isolado de Cândido Motta Filho, que goza de muito prestígio na S.E.P. e recu-

Leães Sobrinho, Antonio Toledo Piza, Queiroz Filho, Carlos Alberto Carvalho Pinto; *Religião*: Rui Barbosa de Campos, Sebastião Pagano, Plínio Correia de Oliveira, Santiago Dantas; *Política Internacional*: José Maria Machado, Sebastião Pagano, Joaquim Dutra da Silva; *Educação Física*: Leopoldo Sant’Anna, Americo Neto; *Arte e Literatura*: Walter Barioni, Cassiano Ricardo, Silveira Bueno, Nuto Sant’Ana; *Agricultura*: Mario Zaroni, João Raymundo Ribeiro, Manoel Pinto da Silva, Ricardo Azzi.

(86) Entrevista com Cândido Motta Filho, Rio, Junho de 1970. Este grupo toma a iniciativa, sob a liderança de Salgado, de propor, a 6 de maio de 1932, a criação de um órgão de proselitismo denominado “Ação Integralista Brasileira”.

(87) A A.I.B. não resolveu imediatamente a questão do regime e não se definiu como um movimento confessional. O Secretário Nacional da Doutrina da A.I.B., Miguel Reale, relatou recentemente por que a questão do regime havia afastado os monarquistas do Integralismo: “Quando eu escrevi *A Posição do Integralismo*, publicado em novembro de 1932, o resultado foi a ruptura entre o grupo do Integralismo de Plínio e o grupo patrionovista. Os monarquistas saíram porque eu fazia uma afirmação republicana”, Entrevista com Miguel Reale, São Paulo, junho de 1970.



sa-se a aderir ao integralismo (88). Ele permanecerá, apesar do seu antiliberalismo, no Partido Republicano Paulista, no qual havia representado com Salgado e outros uma corrente renovadora.

Após a fundação da S.E.P., Salgado começa a articular os intelectuais e os movimentos dispersos da extrema-direita. Considera que o papel pioneiro de São Paulo no passado devia renascer nesta obra de salvação nacional. Retoma contatos com o grupo de intelectuais do Rio, por intermédio de Augusto Frederico Schmidt, e de Santiago Dantas, ao qual pertencem os acadêmicos em Direito da *Revista de Estudos Jurídicos e Sociais*, o diretor de *Hierarquia*, Lourival Fontes, e dois futuros dirigentes integralistas, Raimundo Padilha e Madeira de Freitas (89).

Sua ação ideológica se estende ao Norte do país, atingindo os Estados de Minas Gerais e do Ceará. Alguns dias após a primeira reunião da S.E.P., Salgado envia uma carta a Olbiano de Mello, que pretendia lançar o "Partido Nacional Sindicalista". Agradecendo o ensaio sobre *A República Sindicalista dos Estados Unidos do Brasil*, Plínio o coloca a par de sua atividade no jornal *A Razão*. Seu comentário revela uma convergência de pontos de vista: "Eu já havia organizado um esquema muito parecido com o seu. Eu tinha chegado às mesmas conclusões." Ele lastima que Olbiano de Mello não venha acompanhando a série de "Notas Políticas" que tem escrito em *A Razão* sobre este mesmo tema e acrescenta: "não faz mal: o essencial é por-mo-nos em contato. Falemos, pois, de coisas práticas". Ele relata então a fundação da S.E.P., cujo "fim é o de criar uma nova mentalidade". Descreve a seguir o sistema que concebeu, em articular com editores, após haver tentando difundir "a obra de Alberto Torres, de Oliveira Vianna, de Tristão de Athayde, de Octávio de Faria, de Alberto Faria, de Euclides da Cunha, de Oliveira Lima, de Nabuco, a literatura fascista de Rocco, o que Portugal nos oferece de mais interessante e, com o tempo, os trabalhos de escritores franceses, ingleses, americanos e alemães". Termina convidando a Olbiano a aderir à iniciativa de São Paulo: "Esse movimento deve ser efetuado em todos os Estados do Brasil, a fim de criarmos os capitães da futura campanha de reno-

(88) Entrevista com Américo Lacombe, Rio, setembro de 1969.

(89) Eles serão respectivamente chefes integralistas no Estado do Rio e do Distrito Federal e, mais tarde, membros do Conselho Supremo e do Secretariado Nacional da A. I. B.

vação (...). Sobre três bases deve assentar a obra de construção nacional: base geográfica (Município); base econômico-social (classe) e moral (Tradição religiosa e patriarcal)" (90).

As circunstâncias do contato entre Salgado e Sombra no Ceará são mais difíceis de serem estabelecidas. A Legião Cearense do Trabalho se organiza desde julho de 1931, isto é, um mês após a fundação de *A Razão* e quase um ano antes da organização da S.E.P. Salgado, contudo, conhece a Legião a partir de outubro de 1931, quando Amoroso Lima escreve um artigo sobre o movimento em *A Razão*. O sucesso da Legião era tão grande no Ceará que Severino Sombra decide estender o movimento a outras regiões do país. Em inícios de 32, ele funda a Legião Brasileira do Trabalho e vai a São Paulo para estabelecer contato político com Salgado que lhe afirma que "para lançar o movimento era preciso ter uma infra-estrutura doutrinária (...) para o movimento não se dividir em tendências ideológicas. Então ele ia promover este movimento" (91).

Entretanto tudo leva a crer que nesta época Salgado já tem em mente a idéia de criar a S.E.P. e que seus projetos políticos pessoais foram percebidos por Sombra como ligados ao seu plano de expansão da Legião. Em realidade, alguns meses após, Salgado adverte Sombra que fundou a S.E.P. sem precisar as relações entre esta última e a Legião Brasileira do Trabalho. A evolução dos fatos até a criação da A.I.B. prova que Salgado

(90) MELLO (Olbiano de), *A Marcha da Revolução Social*, op. cit., pp. 61 e 62. Salgado endereça no mesmo sentido uma carta a Sombra, em 9 de março de 1932: "Recebi sua carta. Acho natural sua ansiedade. Mas eu estou criando aqui a base moral, material e intelectual para O Manifesto." Após haver feito referência à S. E. P., acrescenta: "Estamos integralmente com você. Peço-lhe que mande organizar em todos os Estados do Norte, uma coisa semelhante ao que estamos fazendo aqui. Você centralize a orientação no Norte. Eu me incumbirei de organizar e orientar o Sul. (...). O Manifesto depende dessas organizações, para que tenha força e prestígio. Até o dia 20, o mais tardar, seguirá o Manifesto para V. ver. Antes de fazer o que fiz, não era possível redigi-lo. Só agora ele se torna viável!" (Documento do Arquivo Pessoal de Severino Sombra).

(91) Entrevista com Severino Sombra, Rio, junho de 1970. Carta de Salgado a Sombra apresenta a S. E. P. como "movimento de pacificação, de confraternização, de concentração dos espíritos; laboratório de pesquisas e estudos sociológicos; foco de irradiação de idéias, de disciplinação de inteligência. É a obra preliminar, dentro do seu pensamento inicial. É o estudo e já é o começo de ação", (Doc. Arquivo Pessoal de Severino Sombra).

soube manipular com habilidade os grupos ideológicos convergentes em favor de seus planos políticos (92).

Olbiano de Mello também faz referência a uma nova carta que lhe foi enviada por Salgado, na qual este último descrevia seus contatos com o grupo do Rio e com Severino Sombra. Ele sugere, então, a realização de uma reunião dos três, no Rio, em 10 de julho de 1932. Ele justificará depois a importância do encontro: "todos nós tínhamos o mesmo rumo e estávamos dispostos a criar a "grande pátria", fundirmos nossas atividades e organizarmos um mesmo e único partido" (93).

Em maio de 1932 a S.E.P. organiza em São Paulo sua terceira sessão, ocasião em que Salgado propõe, com apoio da tendência majoritária, a criação de uma "nova comissão técnica, denominada Ação Integralista Brasileira" cujo objetivo é de "transmitir ao povo, em uma linguagem simples, os resultados dos estudos e as bases doutrinárias da S.E.P.". O relatório desta reunião menciona as condições da organização deste novo setor: "Expondo em rápidas palavras a grave situação que o país atravessa, o Sr. Presidente (Salgado) propôs que se organizasse, subordinada e paralela à S.E.P., uma campanha de ação prática, no sentido de se infiltrar em todas as classes sociais o programa político da S.E.P. decorrente de seus princípios fundamentais. Essa campanha seria denominada Ação Integralista Brasileira" (94). A proposição não é bem acolhida por todos os membros, gerando algumas dissensões internas, mas a maioria virá a endossá-la. Motta Filho, um dos dissidentes, justifica sua atitude: "Houve conflitos. Eu achava que nós não podíamos tirar da S.E.P. sua feição cultural (95). E eu disse a ele (Plínio) com toda franqueza que achava que não, que ele não deveria transformar

(92) A correspondência de Salgado a Sombra de 9 de maio de 1932 revela que o primeiro deve explicações ao segundo sobre a tomada de direção do movimento nascente: "isto permite antever que a questão não ficou bem clara entre os dois: "O movimento aqui no Sul está tomando tal vulto que exige uma imediata reunião de líderes no Rio (...). Também a organização operária do Sul, nos moldes da sua é urgente e depende de Você. Eu tive de assumir a chefia do movimento aqui, para que ele não fracasse. Você sabe, pelo que eu lhe disse, o sacrifício que estou fazendo" (Doc. Arquivo Pessoal de Severino (Sombra).

(93) MELLO (Olbiano de), *A Marcha da Revolução Social no Brasil*, op. cit., p. 36.

(94) SALGADO (Plínio), *O Integralismo na Vida Brasileira*, op. cit., p. 17.

(95) Obra coletiva, *Plínio Salgado*, op. cit., p. 36.

aquele movimento nos arrastando a uma responsabilidade que não era nossa" (96).

A última etapa do processo de formação do integralismo é a redação de um manifesto para divulgar publicamente a A.I.B. A decisão de organizar o movimento é tomada no mês de maio, mas este só começará a existir realmente cinco meses mais tarde, com a publicação do Manifesto de Outubro de 1932.

A S.E.P. promove ainda duas reuniões, nos meses de junho, para discutir o esquema do Manifesto, relatado por Salgado. Na primeira reunião, ele expõe sua proposição à assembléia geral e cópias são distribuídas aos membros da S.E.P. para que tragam sugestões. Na reunião seguinte, o projeto do Manifesto é aprovado quase sem modificações. Entretanto, a eminência do desencadeamento da Revolução Constitucionalista em São Paulo, obriga Salgado, por prudência ou cálculo político, a retardar a publicação do documento para uma época mais oportuna (97).

A rebelião de São Paulo que eclode no início de julho vai também frustrar o encontro previsto no Rio entre Salgado, Sombra e Mello. Sombra encontrava-se no Rio e Mello chega em 6 de julho, quando é informado do movimento paulista. Na véspera da data da reunião, em 9 de julho, eclode a revolução e Salgado não pode mais deixar São Paulo (98).

O Manifesto é publicado, finalmente, em 7 de outubro de 1932, marcando o lançamento oficial da Ação Integralista Brasileira como movimento político independente. Salgado descreve

(96) Entrevista com Cândido Motta Filho, Rio, junho de 1970.

(97) "Em junho, num ambiente de exaltadas agitações populares, reuniu-se novamente a Sociedade de Estudos Políticos para ouvir a leitura do Manifesto, que deveria ser levado à impressão (...). Mas, a 9 daquele mês, sublevaram-se os quartéis da Força Pública e do Exército e as primeiras tropas da Revolução Paulista embarcaram em direção do Rio. O Manifesto foi guardado para outra oportunidade", SALGADO (Plínio), *O Integralismo na Vida Brasileira*, op. cit., p. 18.

(98) Sua atitude de defesa do Governo Provisório contra a convocação da Assembléia Constituinte provoca a desconfiança dos revolucionários paulistas e seu jornal é destruído pelos revolucionários em 23 de maio de 1932. Sem participar, pois, da Revolução, ele permanece em São Paulo, procurando manter a cabeça fria em um ambiente inteiramente antigoverno provisório, que ia do liberalismo ao separatismo. Sombra, por sua vez, resolve "regressar de avião para Fortaleza, no Ceará, e ali sublevar a "Legião Cearense", da qual era chefe e secundar o movimento bandeirante (...). Sombra foi detido ao saltar no Norte e, em seguida, exilado em Portugal" (cf. MELLO (Olbiano de), *A Marcha da Revolução Social no Brasil*, op. cit., p. 65.

o ambiente político da fundação: "Subjugada a revolução paulista em 3 de outubro de 1932, o estado de espírito de depressão e de íntima revolta dos combatentes vencidos logo aflorou num reduzido grupo de brilhantes intelectuais que propunham, não propriamente o separatismo, porém o Confederacionismo (...). Por outro lado, o comunismo, aproveitando-se da situação, desenvolveu intensamente a sua propaganda e rearticulou os seus quadros, estimulando a massa proletária no sentido da luta de classes (...). O movimento era dos mais tristes e incertos para a nacionalidade. Tudo era confusão, incerteza, ausência de rumos definidos. Para onde iria a Nação Brasileira? O Manifesto Integralista já impresso, foi nesta data distribuído em São Paulo e remetido para todos os Estados" (99).

Salgado envia, na mesma data, um telegrama a Olbiano de Mello, em que exprime, de uma maneira sintética, o espírito do movimento nascente: "Dada precipitação dos acontecimentos fundamos Ação Integralista Brasileira. Assembléia criação movimento formada estudantes, operários, elementos classe média. Tudo dentro princípios já acertados nossa correspondência anterior: sindicalização, representação exclusivamente profissional. Base Estado na família, município, sindicato. Avise nossos amigos Bahia e Belo Horizonte restabelecer articulação, fomentar propaganda. Espero sua vinda aqui urgente. Viva Brasil dirigido mocidade" (100).

Salgado retoma imediatamente seus contatos com os grupos intelectuais e os movimentos dos Estados do Ceará e de Minas Gerais. Face ao exílio de Sombra, os dirigentes da Legião, Jeovah Motta e Helder Câmara incorporam-se à A.I.B. (101). Um mês mais tarde, um grupo de jovens da Faculdade de Direito de Recife lançam o Manifesto do Recife em apoio ao Manifesto de São Paulo: "A mocidade nordestina de modo algum poderia

(99) SALGADO (Plínio), *O Integralismo na Vida Brasileira*, op. cit., p. 19.

(100) MELLO (Olbiano de), *A Marcha da Revolução Social no Brasil*, op. cit., p. 66.

(101) Estes dois dirigentes estavam a par de contatos entre Sombra e Salgado. Sem consultar o chefe exilado, eles julgam legítima a adesão da Legião à A.I.B. e acreditam que Sombra estaria de acordo com esta decisão. Este último, cortado de suas relações políticas com o Brasil, nada pode fazer para impedir este engajamento. Mais tarde, ele voltará ao Brasil, tentando disputar com Salgado a direção da A. I. B. no Congresso de Vitória (Estado do Espírito Santo), em fevereiro de 1934. Em face do seu fracasso e de discórdias ideológicas, ele deixará o integralismo.

ficar indiferente. E muito menos alunos da Faculdade de Direito de Recife. Esta escola, que certa vez ouviu proclamar a morte da metafísica, precisa tornar-se uma célula vivíssima desse grande movimento de renovação política, social e espiritual" (102).

Estas são as circunstâncias da fundação do movimento integralista, do qual Plínio Salgado torna-se o líder: a A.I.B., a partir de outubro de 1932, transforma-se no principal partido da extrema-direita fascizante dos anos 30 em busca do poder político.

(102) *Estudos e Depoimentos*. Obra coletiva, Vol. IV, in: *Enciclopédia do Integralismo*. Rio, Livr. Clássica Brasileira, 1935, pp. 16-17.

## NATUREZA DO MOVIMENTO

*Onde o Estado não se transformou, não houve Revolução.*

Plínio SALGADO, *Em Marcha*.

*O integralismo é a doutrina que não compreende o Estado sem corporações. É a marcha natural da História.*

Miguel REALE, *Bases da Revolução Integralista*.

*Somos simplesmente ramos da mesma árvore, filhos da mesma doutrina, resultados da mesma concepção totalitária do Universo.*

Gustavo BARROSO, *O Integralismo em Marcha*.